

www.harmonianet.org

EXPERIÊNCIAS EXTRAFÍSICAS III



PABLO DE SALAMANCA

2013

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente trabalho, “Experiências extrafísicas III”, é o 14º livro que se concretiza pelas mãos de Pablo e a sua oitava obra não mediúnica. Atualmente, ao final de 2013, 13 livros já foram concretizados pelas mãos de Pablo: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011), *Sonetos para refletir* (2011), *Espiritualismo em foco* (2012), *Faces da projeção astral* (2012) e *Novas percepções* (2013).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é a fotografia *Sequoia-meadow*, de **Jon Sullivan**, retirada do *site* <http://www.public-domain-photos.com> (acesso em 11/01/2013), cujas fotos são de domínio público, podendo ser usadas para qualquer propósito.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* www.harmonianet.org, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* contato@harmonianet.org, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

Introdução	1
<u>PARTE 1 - Informações gerais</u>	3
Viagem astral: evidências	4
Aspectos sobre a rememoração de viagens astrais	6
Projeção astral e nível de espiritualidade	9
<u>PARTE 2 - Relatos de viagem astral</u>	12
Relato 1 – Projeção confirmada	13
Relato 2 – Mediunidade e ectoplasmia no Astral	14
Relato 3 – Fui enganado no Astral	15
Relato 4 – Voo bem controlado	17
Relato 5 – Atividades no Astral	18
Relato 6 – O médico “Doutor Salomão”	20
Relato 7 – Aprendizado sobre reencarnação	22
Relato 8 – Escape aéreo	23
Relato 9 – Fuga para o corpo	25
Relato 10 – Amigo desorientado	26
Relato 11 – Reenergização e visão 360 graus	27
Relato 12 – Despertando um amigo	28
Relato 13 – Ajuda inusitada a desencarnados	30
Relato 14 – Resgate de um idoso	32
Relato 15 – A “festa-armadilha”	33
Relato 16 – A pregação	35
Relato 17 – A baratinha	36
Relato 18 – Auxílio e sonolência no Astral	37
Relato 19 – Transformação perispiritual e confronto	39
Relato 20 – Falange obsessora	41
Relato 21 – Recuperando a lucidez	43
Relato 22 – Lugar desagradável	44
Relato 23 – O guardião africano	45

Relato 24 – Conversa no Astral sobre prana	46
Relato 25 – Um suicida?	48
Relato 26 – O caboclo	49
Relato 27 – Resgatando entidades	50
Relato 28 – Projeção durante meditação	51
Relato 29 – “Puxão de orelha”	52
Relato 30 – Pedido de ajuda	54
Relato 31 – Auxílio em hospital	56
Relato 32 – Adolescentes na caverna	58
Relato 33 – Reencontros	59
Relato 34 – Do onirismo à lucidez	61
Relato 35 – Conversa com projetor inexperiente	62
<u>PARTE 3 - Conclusão</u>	64
Um estudo empírico	65
Palavras finais	69

INTRODUÇÃO

Caros amigos, embora este livro seja continuação do “Experiências Extrafísicas” e do “Experiências Extrafísicas II”, ele poderá ser lido sem que se tome conhecimento de seus antecessores, pois não haverá maior dificuldade de entendimento. Contudo, recomenda-se a prévia leitura dos dois primeiros livros desta série, sobretudo para quem não tenha intimidade com o assunto projeção astral, de forma a se atingir uma compreensão maior do tema.

O objetivo primordial deste livro, assim como o de seus predecessores, é o compartilhamento das experiências que tive com relação à projeção astral, de forma a estimular outras pessoas a tentarem a saída lúcida de seus corpos físicos. Realizar viagens astrais com constância me foi bastante benéfico e esclarecedor, permitindo-me uma expansão de consciência, que me fez enxergar o mundo com outros olhos. Tive maior compreensão sobre a vida e a morte, percebendo, claramente, que esta última não existe. O falecimento do corpo material é apenas uma transformação, uma passagem para outras dimensões de vida. A vida é um processo contínuo!

Cabe aqui, inicialmente, tentar definir o que é a projeção astral, de maneira que o leitor menos experiente nesse assunto, possa se situar e compreender o conteúdo desta obra. A projeção astral é também conhecida por termos como: viagem astral, projeção da consciência, experiência extrafísica, experiência extracorpórea ou desdobramento espiritual. É um fenômeno natural que nada mais é que uma experiência fora do corpo material, ou seja, consiste na saída da consciência humana para dimensões mais sutis de vida, que chamamos de forma genérica de Plano Astral, Mundo Extrafísico, Mundo Espiritual, dentre outras denominações. A saída da consciência humana do corpo denso para os mundos imateriais, ocorre através de um outro veículo de manifestação, que geralmente é o corpo astral (também chamado de perispírito, corpo sutil, psicossoma ou corpo espiritual).

Classifica-se a projeção astral em três tipos: a projeção inconsciente, a semiconsciente e a consciente. No caso inconsciente, durante uma noite comum de sono, o corpo astral do indivíduo flutua para fora do corpo material, mas continua dormindo no Mundo Extrafísico. Nesta situação, a pessoa não se lembra de nada ao acordar, ou, apenas, se recorda de sonhos (onirismo). Quando ocorre uma projeção semiconsciente, o indivíduo tem períodos de atividade consciente no Plano Astral, e, ao retornar ao corpo físico, pode lembrar-se de seus aprendizados e ações, muito embora suas recordações possam estar “contaminadas”, em alguns trechos, por visões oníricas. Já na projeção consciente, a lucidez da pessoa, no Mundo Extrafísico, é marcante e mais contínua. Ela tem boas chances de recordar, ao retornar ao corpo material, de atividades ou aprendizados realizados, podendo descrever o que aconteceu através de um roteiro lógico, com um início, meio e

fim, perfeitamente inteligíveis. Infelizmente, é relativamente comum muitos indivíduos fazerem viagens astrais conscientes, mas não se lembrarem do conteúdo ao despertar. Isto ocorre por alguns motivos, como o cansaço físico/mental, pela pessoa estar muito voltada a problemas de ordem material, dentre outros. Geralmente o uso de técnicas de meditação, saturação mental com literatura sobre projeção e dedicação à Espiritualidade ajudam bastante na capacidade de rememoração das atividades extrafísicas.

Gostaria de deixar registrado, aqui na introdução desta obra, um agradecimento àqueles que, ao lerem os meus livros sobre viagem astral, deram-me retorno por *e-mail* acerca de suas impressões, estimulando-me a continuar escrevendo sobre o tema. É importante salientar também, que a confecção do “Experiências Extrafísicas III” foi incrementada devido a minha participação em listas de discussão do *Yahoo* na Internet (<http://br.yahoo.com/>): “Projecaoastral”, “Viagem-Astral” e “Voadores”; bem como em decorrência da minha interação com comunidades do Orkut (<http://www.orkut.com/>): “Aventuras Além do Corpo”, “Projeção Astral”, “Viagem Astral” e “Viagem Astral e Espiritualismo”; e também através da minha participação em grupos específicos do Facebook (<http://www.facebook.com/>): “Aventuras Além do Corpo”, “GEPAC”, “Projeção Astral”, “Projeção Astral e Espiritual”, “Projeção Astral (Grupo moderado)”, “Viagem Astral”, “Viagem Astral e bioenergias”, “Viagem Astral e Projeção da Consciência” e “Viagem Astral (relatos)”. A troca de ideias com os membros das referidas listas, comunidades e grupos, em alguns casos funcionou bem como contraponto, e, em outras oportunidades, ratificou o meu entendimento, ajudando-me a “dissecar” certas questões e a consolidar alguns pontos de vista, enriquecendo este presente trabalho.

Antes da apresentação dos relatos de projeção astral, por mim realizados, percebi ser interessante aprofundar um pouco certos aspectos gerais relacionados ao tema. Assim, coloquei alguns capítulos com esta intenção na Parte 1 deste livro. Desejo uma boa leitura a todos.

PARTE 1
INFORMAÇÕES GERAIS

VIAGEM ASTRAL: EVIDÊNCIAS

Muitas pessoas anseiam pela comprovação das experiências extrafísicas, por motivos diversos. Há projetores, de forma individual, bem como instituições, que labutam para demonstrar a realidade das projeções da consciência. Entendo que este esforço é louvável, até porque se comprovando as experiências fora do corpo, se está também atestando que somos mais do que apenas um corpo físico. Em outras palavras, isto trata de uma ampliação do entendimento comum de boa parcela do Ocidente, ou seja, uma expansão da consciência para essas pessoas. No entanto, será possível se ter uma comprovação científica para a viagem astral? Até o momento, entendo que não porque é impossível atender a todos os postulados científicos (Cartesianismo), num sentido restrito. Contudo, será que o método científico se aplica de forma bem ajustada a experimentações psíquicas/espirituais? Afirmo, que não. Ou, pelo menos, ainda não. O método científico tem suas limitações neste campo, mas, futuramente, creio que a metodologia evoluirá, bem como suas “ferramentas de medição”. Quanto às “ferramentas”, ainda não há equipamentos aceitos pela comunidade científica tradicional, para a mensuração e análise de “energias mais sutis” (psíquicas/espirituais), embora alguns esforços envidados por admiráveis pesquisadores. Fora isso, o preconceito da ciência instituída é forte obstáculo para o estudo sistemático de tudo aquilo que foge aos padrões materialistas, que ainda têm grande força na maioria dos países. Felizmente, já é possível notar cientistas com nova mentalidade, que compreendem o universo de maneira diferente e integrada.

O objetivo, deste capítulo, é apontar evidências da viagem astral como fato real, pertencendo ao âmbito das coisas ditas naturais. Assim, o que poderia argumentar em favor da veracidade das experiências fora do corpo? Bom, facilmente me recorro das chamadas “experiências de quase morte” (EQMs), que são viagens astrais forçadas por doenças ou acidentes. No entanto as EQMs, nos últimos anos, têm sido fartamente documentadas e se tornado até objeto de investigações científicas. Mas, não vou me ater às EQMs, já que é muito mais fácil obter uma saída do corpo físico, sem ter que passar pelo trauma de um acidente ou doença grave. Então, como se ter evidências do realismo de uma viagem astral? A resposta é relativamente simples: experimentando! Muitos que passam a realizar técnicas para sair do corpo conscientemente, acabam por convencerem a si mesmos, após terem as suas próprias experiências lúcidas. Mas, isso basta? Talvez para alguns isso não seja muito conclusivo, até porque o grau de lucidez é geralmente flutuante durante uma projeção astral, misturando-se a momentos oníricos. Por isso, a seguir, apresento as minhas comprovações pessoais, de forma a estimular que outros tentem se projetar e

tirem as suas próprias conclusões.

Algo que me trouxe grande satisfação pessoal, foi poder ter visto o meu corpo físico na cama, após projetar-me dentro do próprio quarto, alguns anos atrás. Naquela oportunidade, constatee de forma incisiva que a sede da nossa consciência não é o corpo material. Lembro-me que observei ao meu veículo físico por um tempo bastante razoável e concluí que eu estava excessivamente magro (à época, eu perdera cerca de 20 quilos devido a uma gastrite crônica).

Em uma outra vez, também obtive uma comprovação pessoal de viagem astral. Numa determinada noite, eu recebera uma ligação telefônica de uma amiga, que narrou a sua felicidade em estar na fase final da construção de sua casa. Ela enfatizou que acabara de receber os vidros de todas as janelas, detalhando o tipo de material, que não era liso, mas sim composto por pequeninos quadrados. Eu concluí que os vidros das janelas dela, deveriam ser como os da porta de entrada do meu apartamento, comentando isso com ela. Após o telefonema, esqueci-me do assunto, e, mais tarde, recolhi-me ao leito. Para minha surpresa, num dado momento da noite, descobri-me num local onde eu examinava um pedaço de vidro. E eu concluía que o vidro da minha amiga não era igual aos vidros da minha porta, pois os quadrados dos vidros dela eram realmente minúsculos. Despertei pela manhã seguinte, recordando aquilo que eu julgava ter sido um mero sonho, já que eu conversara sobre o assunto um pouco antes de dormir. Dois dias depois, por obra do acaso, fui até o bairro onde minha amiga morava, a cerca de 50 km de onde eu residia. Ela insistiu e me levou até o terreno onde estava a sua nova casa em construção. Ao entrar na residência, pude observar os vidros espalhados pelos cômodos, e, para a minha surpresa, eram exatamente como eu tinha visto no “sonho”. Eu concluía, então, que estivera projetado no local da obra, cujo endereço já conhecia desde antes, pois visitara o local quando a obra estava num estágio menos avançado.

Numa outra oportunidade, tive uma boa confirmação de experiência extracorpórea, ao conversar pela manhã com um amigo, com o qual eu trabalhava num centro espiritualista. Eu lhe disse que “sonhara” com ele e, para minha surpresa, ele falou, de supetão, que também “sonhara” comigo. Então, pedi ao meu amigo que narrasse o que lembrava. Foi algo especial! Ele disse, em resumo, que estivera em determinado local ajudando a pessoas necessitadas e que eu apareci lá para auxiliar também. Contou-me vários detalhes que correspondiam, em grande grau, a tudo que eu recordava da última noite. Concluimos que estivéramos juntos no Mundo Extrafísico, realizando uma tarefa assistencialista.

Quando nos projetamos numa dimensão bem próxima energeticamente do Mundo Terreno, é possível obter fortes indícios da veracidade de uma viagem astral. Ver o próprio corpo na cama é um caso clássico, a experiência com o vidro também se enquadra nesta categoria, mas ainda

vou assinalar três viagens deste tipo. Numa delas, quando eu retornava ao corpo físico, pude observar o céu que já clareava com o nascer do sol. Sua cor era de um azul profundo e indicava que estava no momento de eu despertar para ir trabalhar. Assim que abri os olhos materiais, corri para a janela e olhei para o céu. Notei que era o mesmo tom de azul que eu observara no Astral. De fato, estava na hora de tomar café para rumar para o trabalho. Num outro dia, estava fora do corpo, próximo ao meu leito. Recordo que vi o velho relógio, que marcava um horário nítido. Pensei que precisava ir para a minha empresa e, imediatamente, já estava no meu corpo material. Sentei-me na cama e, em seguida, mirei o relógio de cabeceira. Ele apontava exatamente a hora que eu vira no Mundo Extrafísico, instantes antes. Recentemente, estava projetado próximo à entrada de meu apartamento, quando notei uma “sombra” passar muito rápido por debaixo da porta, indo sumir na cozinha. Concluí que era uma pequena barata. Pela manhã, quando despertei, lá estava a baratinha já morta, pois eu dedetizara a residência havia pouco tempo.

Bem, com esta minha exposição, espero ter provocado uma curiosidade sadia naqueles que se interessam em experiências extrafísicas e mesmo naqueles que francamente duvidam desta possibilidade.

ASPECTOS SOBRE REMEMORAÇÃO DE VIAGENS ASTRAS

Raríssimos são os viajantes astrais que conseguem consciência contínua com frequência, isto é, deitam-se para fazer um exercício projetivo e saem do corpo lúcidos, para, em seguida, realizar algumas atividades conscientes e retornar ao veículo físico, sem lapsos de memória. A maioria das pessoas que realizam viagens astrais lúcidas, não trazem para a chamada "mente consciente" as lembranças de suas atividades extracorpóreas. Simplesmente não se recordam (as ações lúcidas ficam armazenadas no inconsciente), ou apresentam memórias parciais ou distorcidas. Com certeza, este é um “ponto de estrangulamento” relevante no registro consciente de experiências extrafísicas. Não raras vezes, ao nos encontrarmos lúcidos no Astral, nos preocupamos com a questão da rememoração. Então, nos perguntamos: “- será que vou lembrar de tudo que estou vendo?” Ou, em outras oportunidades, dizemos para nós mesmos: “- não posso esquecer isso!” Portanto, entre o estado de dúvida e o de desejar recordar, diversas vezes, acabamos por retornar abruptamente ao corpo denso, interrompendo experiências interessantes. Assim, com o presente texto pretendo contribuir para o esclarecimento desta questão, que é parte importante para o sucesso pleno das incursões no Astral.

A princípio, colocaremos os tipos de rememoração possíveis, baseados em experiência própria, para uma projeção astral. Antes, ressalto apenas que o processo de rememoração pode se dar do início para o final das atividades exercidas, ou do final para o início, logo após o despertar do projetor em seu leito.

Num nível ideal, mas de ocorrência limitada, está a **rememoração integral**. Esta modalidade engloba todos os momentos lúcidos que a pessoa teve fora do corpo, lembrando-se toda a sequência de atividades e detalhes dos fatos, com clareza completa.

A seguir apontamos a **rememoração parcial**, que é um tipo comum entre os projetores, consistindo na recordação incompleta da experiência lúcida no Astral. Neste caso, quando o viajante tem sorte, o esquecimento é relativo às partes menos importantes de suas atividades.

A terceira forma de lembrança pode ser denominada **rememoração condensada**, que é uma maneira de recordar resumida, das partes mais importantes de uma vivência lúcida fora da matéria. Neste caso se perdem alguns detalhes, mas o contexto geral fica registrado na mente. Uma experiência com este tipo de rememoração pode ser exemplificada assim: recorda-se a ida para uma tarefa extrafísica com outros projetores e amparadores (1ª fase); em seguida, lembra-se que a tarefa foi de esclarecimento a entidades desequilibradas em zona umbralina (2ª fase); e, por fim, foi recordado que o retorno para o corpo físico foi difícil (3ª fase). É claro que, nesta modalidade de rememorar, podem ser captados um pouco mais de detalhes do que forneceu-se no exemplo acima.

O quarto tipo de rememoração pode ser chamada **rememoração distorcida**, que é bastante comum entre viajantes do Astral, e que, por diversos motivos, não conseguem recuperar as lembranças com nitidez. Nesta modalidade, por ser muito frequente, nos estenderemos mais, apresentando alguns exemplos. Uma situação comum de rememoração distorcida, com a minha pessoa, é o caso de um fenômeno que chamo de “identificação”. Exemplificando, uma vez obtive uma informação no Astral (talvez através de um amparador), de que uma pessoa perderia o pai em breve. Esta informação ficou registrada na minha mente, na forma de um sonho, em que meu pai falecia e eu ficava muito abatido. No entanto, um pouco antes e logo após ao despertar no corpo material, ponderei que meu pai já havia falecido há anos e aquilo não fazia sentido. Porém, ao longo da semana, o pai de um funcionário da minha empresa faleceu abruptamente, e pude ver, de fato, o alto grau de abatimento do rapaz. Bem, na realidade o que ocorreu, de minha parte, foi uma possível experiência extrafísica com rememoração distorcida, através de um fenômeno que chamo “identificação”. Explicando melhor, no Astral eu me identificara com o sofrimento por vir do meu colega de trabalho, de tal maneira que, ao trazer a memória do que estava por acontecer, assumi aquele sofrimento como se fosse meu. Ou seja, a possível viagem astral lúcida que tive, depois de

um processo de distorção na rememoração, transformou-se num sonho simbólico premonitório. Numa outra oportunidade, creio que fui avisado por algum amparador, sobre os problemas que teria numa viagem a trabalho. A situação ficou registrada na minha mente, após noite conturbada de sono, na forma de um sonho, onde eu estava discutindo com pessoas, todas sentadas em cadeiras, enquanto eu estava sentado no chão. Poucos dias depois, durante uma viagem de negócios, fiquei em situação desvantajosa. Aí, compreendi que o sonho fora possivelmente algum tipo de experiência extrafísica lúcida, mas com rememoração distorcida, resultando num sonho simbólico premonitório. É claro que, aqui, não pretendo reduzir a questão premonitória à interferência exclusiva de amparadores. Provavelmente, premonições (simbólicas ou não) ocorram por outros mecanismos além deste, mas que não fazem parte do escopo deste texto. Outra circunstância em que possivelmente acontece uma rememoração distorcida, a partir de uma viagem astral consciente, é nos casos em que ajudamos um amigo no Mundo Extrafísico, mas a lembrança do fato se dá no formato de um sonho em que, por exemplo, fornecemos uma roupa limpa a alguém que estava com uma vestimenta toda suja. Nos dias subsequentes, não raras vezes, encontramos o indivíduo amigo no Mundo Terreno, e acabamos por nos inteirar de que está ou esteve (recentemente) passando por dificuldades. Ou seja, nestes casos, é bem possível que tenhamos realizado tarefa assistencialista à pessoa, durante uma projeção consciente, mas as recordações ficaram limitadas e distorcidas, até porque nessas situações, o teor vibratório da atividade é “denso”, o que dificulta lembranças posteriores nítidas. Um último exemplo de rememoração distorcida, que é relevante ser colocado, pela grande frequência com a qual acreditamos ocorrer, é a distorção na recordação da identidade de pessoas no Astral. Há indícios de que se possa estar projetado lucidamente com alguém no Mundo Extrafísico, mas, no retorno à matéria, confundimos a identidade de quem nos fazia companhia “do outro lado”. Entendemos que isso acontece, porque a nossa personalidade encarnada busca na memória, automaticamente, pessoas do nosso convívio e confiança aqui no Mundo Físico, no processo de rememoração das atividades no Astral. Assim, talvez estivéssemos projetados conscientemente com algum amparador, enquanto que, no retorno ao corpo, distorcemos o fato, só “recordando” que estivéramos fora do corpo com um parente (ou amigo) encarnado em projeção. Bom, depois de vários exemplos, de forma geral, por quê ocorre a rememoração distorcida? A resposta está no funcionamento da mente humana. Resumida e didaticamente, ela pode ser dividida em “Inconsciente” e “Consciente”. A mente inconsciente trabalha basicamente com simbolismos, que dificultam uma interpretação mais direta e objetiva dos fenômenos. Como nos projetamos quase sempre enquanto o nosso corpo dorme, e sendo justamente durante o sono que o Inconsciente aflora e predomina, as projeções lúcidas poderão sofrer uma maior ou menor influência de símbolos e imagens oníricas, durante o momento da rememoração. Aí temos um problema adicional, que é o de

como podemos diferenciar uma projeção astral com lembrança distorcida, de uma experiência fundamentalmente onírica (sonho). Entendemos que isso não é algo fácil, nem o mais importante, embora, às vezes, acontecimentos posteriores no Mundo Físico possam esclarecer que a prévia experiência noturna, tenha sido uma viagem astral com lembrança distorcida. O mais relevante, para quem deseje realizar projeções conscientes com boa lembrança, é seguir algumas condutas gerais, expressas a seguir.

Uma lembrança adequada depende de um corpo físico bem nutrido e descansado. O cérebro é um órgão que exige muitas calorias para um bom funcionamento, o que permite inferir que uma vida bem regrada e harmônica seja essencial, também, para a recordação dos fatos extrafísicos. Um outro fator que estimula a lembrança, é descondicionar-se de pensamentos e sentimentos muito materialistas. Isto pode ser feito através de leituras frequentes sobre projeção astral, bem como sobre temas espiritualistas diversos. O treinamento persistente de técnicas projetivas também pode ser útil, tanto para a lucidez no Mundo Extrafísico, como para lembrança posterior. Uma dica importante para se evitar perder um processo de lembrar, é ficar parado na cama após o despertar, buscando na memória o que se fez à noite. Se o indivíduo se levanta e vai logo cuidar de seus afazeres, desliga-se automaticamente do que pode ter realizado no Astral. Neste caso, raramente recordará do que houve extrafísicamente, mais tarde, pois há uma tendência natural do Inconsciente “levar” tudo ou quase tudo para os seus “porões”. Por último, vamos deixar mais uma sugestão para recordar melhor, lembrando que não temos a pretensão de ter esgotado este assunto aqui. Há pessoas que, usando técnicas auto-hipnóticas, conseguem “programar” o Inconsciente para permitir lembranças mais assíduas e com maior qualidade das viagens astrais, que passam a “fluir” melhor para o Consciente. Para isso, é necessário conhecer um pouco sobre auto-hipnose e hipnose. Por fim consideramos que, quanto maior o número das condutas colocadas sejam praticadas pelas pessoas, de uma forma perseverante, melhor resultado tenderão a ter com a lembrança de atividades nos mundos sutis.

PROJEÇÃO ASTRAL E NÍVEL DE ESPIRITUALIDADE

A motivação básica para elaborar este breve capítulo pode ser expressa pela seguinte pergunta: **quem se projeta com frequência no Astral é, obrigatoriamente, alguém bastante espiritualizado?** Ou, de forma um pouco diferente, podemos colocar a seguinte questão como motivo fundamental desse texto: **quem conseguiu, através do uso de técnicas projetivas (ou**

espontaneamente) algumas experiências extrafísicas, atingiu um patamar expressivo de espiritualidade? Bem, é o que tentaremos responder, apenas situando, neste momento, o que entendemos ser um bom nível de espiritualidade. Compreendemos que alguém com um razoável grau de espiritualização, é uma pessoa que sabe ser humilde, sem ser submissa; entende que a Verdade possui muitas faces; faz ao próximo o que gostaria de receber; busca constantemente a harmonia em pensamentos, sentimentos e ações; que compreende que o conteúdo é mais importante que a forma; que exercita a tolerância; apresenta flexibilidade mental; dentre outros fatores relevantes.

A princípio, assinalamos que a projeção astral é uma ferramenta de aprendizado para o indivíduo. Ela não é uma finalidade em si. Ou seja, a viagem astral é fundamentalmente uma maneira ou meio de se obter autoconhecimento, expansão da consciência e de ser útil ao semelhante. Quem obteve uma ou mais experiências fora do corpo não deve crer que atingiu um bom nível de harmonia espiritual, envaidecendo-se por isso. Nem tampouco as pessoas que leem os relatos de projetores mais experientes, precisam acreditar que esses projetores atingiram um elevado nível de espiritualidade. Mas, quais as evidências de que os indivíduos que se projetam com alguma frequência no Astral (com rememoração) não são, necessariamente, mais harmônicos do que aqueles que não se projetam? Respondemos, a seguir, apresentando alguns fatos.

Por exemplo, é observável na Internet e por meio de livros impressos, que relatos de projeção mostram que seus autores agem no Astral em conformidade com suas paixões e medos tipicamente terrenos. Eu também não escapo a esta realidade. Por diversas vezes, fora da matéria, não consegui agir de forma tão equilibrada quanto era o necessário. E, por isso, assinalo que o desdobramento espiritual é bela ferramenta de autoconhecimento, pois, através de experiências fora do corpo, somos confrontados com situações que nos põem à prova. Mas, voltemos às evidências de que pessoas que se projetam não são, obrigatoriamente, muito mais espiritualizadas. Através das publicações de opiniões, de diversos projetores, nos vários fóruns de debates na Internet, é possível notar que não deixam de expressar certos sentimentos, preconceitos e ortodoxias, revelando o lado “terra a terra”. Além disso, conheço pessoalmente alguns bons praticantes de viagem astral, que, como eu, são bastante comuns e com diversas limitações bem humanas.

Neste ponto, é importante ressaltar que este texto não tem como objetivo criticar a quem quer que seja, mas sim levar a uma reflexão sobre o assunto. Exemplificando, é perceptível por parte de algumas pessoas, um certo “endeusamento” a alguns projetores mais experientes, o que é uma postura um tanto imatura, que deverá ser superada mais cedo ou mais tarde. Por outro lado, há projetores que creem ser superiores aos que ainda não se projetam lucidamente (com rememoração

das atividades astrais), envaidecendo-se em maior ou menor grau, o que os impedirá de prosseguir livremente em seu processo de expansão consciencial. Compreendemos, portanto, que estes extremos não são desejáveis.

Finalizando, reafirmamos a projeção astral como ótima ferramenta (e não mais que isso!) para o autoconhecimento e expansão dos próprios horizontes. Realmente há pessoas que, utilizando adequadamente esta ferramenta, beneficiaram-se, passando a constatar e compreender que a consciência está além da materialidade. Muitos puderam confrontar-se com alguns medos próprios no Astral, aprendendo a superá-los, bem como outros puderam vivenciar suas fraquezas de caráter, sem certos disfarces possíveis no Mundo Físico, conscientizando-se delas e buscando a autotransformação. Por isso, divulgamos a projeção astral e estimulamos a sua utilização de forma equilibrada e com objetivos bem definidos. Estes objetivos variam de pessoa para pessoa, mas necessitam ser previamente esclarecidos por quem almeja experiências extrafísicas. A mera curiosidade e a satisfação de motivos menos nobres não promovem bons resultados.

PARTE 2
RELATOS DE VIAGEM ASTRAL

RELATO 1 – PROJEÇÃO CONFIRMADA

Este primeiro relato consta resumidamente no capítulo “Viagem astral: evidências”, na Parte 1 deste livro. Aqui, vou expressá-lo mais detalhadamente.

Numa determinada noite, eu recebera uma ligação telefônica de uma amiga, que narrou a sua felicidade em estar na fase final da construção de sua casa. Ela enfatizou que acabara de receber os vidros de todas as janelas, detalhando o tipo de material, que não era liso, mas sim composto por pequeninos quadrados. Segundo ela, esta textura impedia a visão clara do interior da casa, pelas pessoas situadas externamente. Eu concluí que os vidros das janelas dela, deveriam ser como os da porta de entrada do meu apartamento, comentando isso com ela. Após o telefonema, esqueci-me do assunto, e, mais tarde, recolhi-me ao leito.

Para minha surpresa, num dado momento da noite, descobri-me num local onde eu examinava um pedaço de vidro. E eu concluía que o vidro da minha amiga não era igual aos vidros da minha porta, pois os quadrados dos vidros dela eram realmente minúsculos, parecendo mais pequenos pontos. Ainda pensei: ela não descreveu direito o material, que é meio fosco.

Despertei pela manhã seguinte, com a imagem nítida do vidro em minha mente, embora julgasse ter sido um mero sonho, já que eu conversara sobre o assunto um pouco antes de dormir. Dois dias depois, por obra do acaso, fui até o bairro onde minha amiga morava, a cerca de 50 km de onde eu residia. Contei-lhe sobre o “sonho”, adiantando-lhe que era uma bobagem. Ela ouviu-me e nada comentou. Resolveu, insistentemente, a me levar até o terreno onde estava a sua nova casa em construção. Ao entrar na residência, pude observar os vidros espalhados pelos cômodos, e, para a minha surpresa, eram exatamente como eu tinha examinado no “sonho”. Eu concluía, então, que estivera projetado no local da obra, cujo endereço já conhecia desde antes, pois visitara o local quando a obra estava num estágio menos avançado.

Cabe, então, uma pequena explicação. Na minha experiência fora do corpo, pude segurar uma peça de vidro, que, obviamente, não era material. Esta peça, que peguei, correspondia a uma “contraparte sutil” de um pedaço de vidro material, que estava no ambiente da construção. A esta “contraparte sutil”, muitos viajantes astrais chamam de “duplo”. Uma situação dessas se repete, com certa frequência, quando projetores têm experiências dentro de seus lares, podendo tocar ou pegar os “duplos” de objetos físicos de suas casas.

DATA: janeiro de 2004

RELATO 2 – MEDIUNIDADE E ECTOPLASMIA NO ASTRAL

Nesta época, eu e a amiga Tetê Souza havíamos recém-fundado o Grupo Espiritualista Francisco de Assis. Ambos trabalhávamos em tarefas de desobsessão e antimagia no plano terreno, e, não raras vezes, estas atividades se refletiam no Mundo Astral, em tarefas semelhantes.

Num dado dia, após ter me deitado um pouco cansado, projetei-me sem ter tentado conscientemente uma experiência lúcida. Não me recordo da saída do corpo. Apenas lembro dos fatos, a partir do encontro com um homem desconhecido. Eu estava junto com Tetê Souza. Ele nos conduzia até a sua residência, uma bela casa de dois andares. Este homem me parecia estar projetado também, e, por motivo que eu não podia atinar, pedia-nos ajuda. Não faço ideia em como ele nos encontrou, talvez pela interferência de algum amparador, invisível naqueles momentos.

Depois que entramos na construção, muito bem elaborada, e que permitia concluir que o homem tinha boa condição financeira, deparamo-nos com um ambiente pesado. O local era relativamente escuro. Logo foi possível ouvir sons de discussão. O próprio homem que nos conduzira, passara a brigar com uma mulher, que percebi ser sua esposa (também projetada). Creio que este era o “clima” daquele lar. Compreendi que o casal, nos últimos tempos, não se entendia. Rapidamente o ambiente se encheu de pessoas, que surgiram de vários cômodos, acontecendo grande confusão. A discussão se transformara em briga generalizada, com socos e pontapés de vários lados (pareceu-me que o lugar estava “infestado” de entidades obsessoras, que estavam contribuindo para a desarmonia doméstica). Logo a seguir, vi que Tetê Souza fora envolvida pela baderna, estando ela no meio de indivíduos em forte contenda. E pensei: “Meu Deus, e agora? Como tirá-la dali?”

No entanto, no instante em seguida, minha amiga ficou envolta numa densa nuvem branca e iluminada. A bagunça, como por encanto, serenou. Tetê saiu da nuvem esbranquiçada (ectoplasma), com o rosto visivelmente mediunizado. As pessoas que brigavam, simplesmente já não estavam no local, inclusive a esposa do homem que nos pedira auxílio. Ela devia ter retornado a seu corpo. Quanto às entidades perturbadas, creio terem sido transportadas para outro local. Uma espécie de limpeza “instantânea” ocorrera. Manifestava-se um guia da corrente umbandista, que eu conhecia de longa data, através da mediunidade de Tetê Souza. E ele dirigiu-se para o homem que nos conduzira até ali, o dono da casa, falando duramente com ele. Alertou-o de que se ele não se consertasse, perderia a esposa e as boas condições financeiras que tinha. A entidade, por fim,

arrematou que aquela era a sua última chance.

Bem, tudo parecia estar em calma. Muitas entidades obsessoras haviam sido retiradas. Mas, então, subitamente senti que ainda ocorria uma presença desarmônica. Como se eu estivesse teleguiado por uma força invisível, dirigi-me para o terraço da bela residência. Chegando lá, notei que todo o piso era revestido com pedras do tipo São Tomé, típicas para áreas de lazer com piscina. Assim que cheguei, surgiu um enorme cão negro, a partir de dentro de um cômodo, que deveria ser uma suíte. Ele veio em minha direção, acelerando, e resolvi esperá-lo. Quando ele saltou bem alto, na altura e direção do meu pescoço, dei um rápido passo para trás para firmar-me. Então, desferi um soco, com toda a força que possuía, na cabeça do animal. O cão caiu no chão, desacordado. Logo em seguida, despertei em minha cama.

Quanto ao cão, é preciso comentar que é relativamente comum entidades humanas desencarnadas (assediadores) alterarem suas aparências, de maneira a tornarem-se mais amedrontadoras. Por outro lado, há de fato animais que saem de seus corpos ao dormirem e aquele cão negro poderia ser um animal de estimação do lar. Porém, como eu estava intuído naquele momento, logo percebi que era um assediador que ainda se escondia na residência.

DATA: janeiro de 2004

RELATO 3 – FUI ENGANADO NO ASTRAL

Meu pai havia desencarnado em 1997, e, portanto, já havia transcorrido sete anos de seu falecimento material, à época. Não buscava um encontro com ele ou com outras pessoas queridas no Astral, pois esta ansiedade comumente atrapalha estes eventos ou, em certas ocasiões, promove um assédio por parte de algum obsessor mais perspicaz. Ou seja, entendo que o reencontro com parentes e amigos que partiram para o Além, deve ser o mais espontâneo possível. Porém, os nossos desejos inconscientes podem nos trair, e é o que parece ter acontecido comigo nesta experiência extrafísica.

Lembro-me de ter encontrado meu pai num lugar que não era muito limpo. O ambiente não era dos mais claros. Fiquei feliz e dialogava com ele sobre diversos assuntos, dos quais agora não recordo mais. A minha lucidez não era das melhores, pois, embora eu me lembrasse que ele havia desencarnado há anos, eu ainda me preocupava se ele estava com as dores de uma bursite nos

ombros. Depois, conversamos longamente sobre pescaria, que era um dos passatempos preferidos dele quando vivera a vida material. Devido a esta conversa, fomos a uma região à beira-mar, cheia de grandes pedras, semelhante a parte das praias do Flamengo e da Glória (na cidade do Rio de Janeiro), onde meu genitor se divertira muitas vezes na sua vida física. Quando descemos pelas pedras em direção ao mar, notei que a água era parada e que estávamos, na realidade, numa enseada. No local, pude perceber que tinha peixes circulando embaixo da superfície, e que haviam alguns deles mortos boiando. O lugar era um tanto sujo e não gostei dali.

De repente, me apercebi que meu pai estava mais alto do que eu. Estranhei o fato, pois eu crescera quase 20 centímetros a mais que ele, no Mundo Terreno. Além disso, em seguida, observei que seus olhos estavam um pouco diferentes do seu normal, apresentando, inclusive, um tom avermelhado, como se estivessem com alguma irritação ocular. No entanto, preferi ignorar essas questões, pois estava feliz pelo reencontro.

A seguir, subimos pelas pedras, rumando para o caminho de onde viemos antes. Lá acima, encontrei um antigo colega da universidade que passava, o que me deixou muito contente. Abracei-o e trocamos ideias. Contudo, logo pensei que ele não era desencarnado como o meu pai, e fiquei curioso em saber o que ele estaria fazendo ali. Nós três conversamos um pouco sobre amenidades, mas, agora, eu estava com um sentimento de estranheza em mim. Passei a desconfiar do que estava acontecendo.

Mais adiante, apareceu a minha mãe, que desencarnara bem antes, em 1989. Notei que ela estava com o pescoço inchado e logo comentei isso. Ela explicou-me que era um problema na tireoide. Fiquei triste e desejei buscar um tratamento para ela. Eu estava confuso. Minha lucidez flutuava bastante (numa outra oportunidade já havia me encontrado com minha mãe no Astral, e ela estava muito bem). Passei a desconfiar de tantos encontros em sequência.

Então, surgiu um rapaz de pele clara e traços fisionômicos que logo reconheci, sabendo que era uma consciência desencarnada. Simplesmente eu entendi que era um amigo espiritual, ligado à egrégora do meu grupo espiritualista. Caminhei com ele e os outros ficaram para trás. Notando que estava a sós com ele, perguntei: “Isto tudo é verdade?” O trabalhador espiritual respondeu-me, com firmeza, e mirando diretamente nos meus olhos: “Você não pode simplesmente acreditar! Você tem que questionar!”

Fiquei muito aborrecido, por perceber que estava sendo enganado pelas aquelas entidades, que deveriam ser assediadores. Também fiquei chateado pela minha frágil lucidez, durante os momentos em que estivera com aqueles seres, que, aliás, haviam batido em retirada

sutilmente, logo após a chegada do meu amigo espiritual. Então, tive uma reação infantil, retornando bruscamente para aquela localidade à beira-mar, tentando reencontrar-me, sobretudo, com o ser que fingira ser o meu pai. Meu desejo era de desmascará-lo. Eu estava muito irritado, e, provavelmente por isso, retornei ao corpo.

DATA: 07/05/2004

RELATO 4 – VOO BEM CONTROLADO

Esta experiência só a recordo a partir da minha caminhada por ruas de uma cidade do Astral. Não pude lembrar, após o retorno ao corpo físico, como eu havia chegado até ali. No entanto, a vivência foi muito interessante.

Bem, como dizia, eu caminhava por uma cidade aprazível, cujas residências eram somente casas, ou seja, não haviam prédios. O sol brilhava no ambiente e as calçadas eram conservadas e limpas. As ruas eram de paralelepípedos, mas não vi veículos se deslocando por elas. Havia bastante transeuntes, pessoas de vários tipos, todos caminhando como se fossem encarnados (no entanto, a minha percepção me indicava que eram, na maioria, desencarnados habitantes daquela localidade).

Eu andava por ali, admirando tudo, quando pensei que não era necessário caminhar com os pés no chão. Assim, passei a mentalizar que eu poderia dar passos no “ar”, subindo degraus imaginários. E quase automaticamente comecei a me elevar. Num curto período de tempo, já conseguia me locomover a mais ou menos dois metros do solo, quando passei por uma bela mulher, que andava de mãos dadas com uma criança (aparentava cerca de seis anos de idade). A criança fez uma expressão de euforia e puxou várias vezes a saia da mãe, para que ela me observasse voando. A mulher mirou a minha pessoa, mostrando alguma surpresa, mas não tanto. Aliás, outras pessoas já me observavam com algum interesse, mas não apresentavam muita surpresa em suas expressões faciais. Era como se o voo (também chamado de volitação na literatura espírita) ocorresse ali meio esporadicamente, ou seja, não era algo tão raro.

Continuei ganhando altitude, ultrapassando um pouco a altura de alguns postes. Eu voava na posição de pé, e já não dava passos, apenas deslizava. Recordo que eu fazia forte concentração mental para manter-me no alto. Num dado momento, entrei por uma rua em forma de

rampa. Conforme subia, eu percebia que as casas, antes muito bem construídas, agora eram de padrão inferior. Comecei a ver também pessoas vestidas de maneira mais humilde. O lugar não era como as favelas terrenas aqui do Rio de Janeiro, mas visivelmente eram residências mais simples do que as que vira instantes antes, nas ruas das áreas planas daquela cidade do Astral. E pensei que, talvez conforme subisse aquela ladeira, pudesse alcançar uma área menos desenvolvida. Resolvi retornar. No momento em que dava a volta, um rapaz olhou-me com algum interesse, embora não com espanto (reação semelhante a das pessoas que estavam na área mais regular da cidade).

Desci volitando e, mais à frente, sobre uma larga avenida, decidi que não voaria mais na posição de pé. Cruzei as pernas e comecei a voar sentado. Eu mantinha, o tempo todo, uma boa concentração mental, de modo a permanecer em um voo bem controlado. Num dado ponto do meu deslocamento, fui entrando numa espécie de euforia pelo sucesso em ter bom autocontrole no voo. Estava tão feliz que resolvi agradecer à Inteligência Universal. E o que me veio de forma instantânea à mente, foi um mantra à Divindade Shiva (Hinduísmo), que entoei em altos brados: “Om namah Shivaya”.

A seguir, preocupei-me com aquele quase êxtase, pois poderia perder o foco e retornar ao corpo denso. Voltei à serenidade e concentração. Adiante, divisei o mar. Estava em frente a uma bela e grande baía, sabendo de alguma forma que, do outro lado dela, não muito distante, havia terra novamente. Olhei para baixo e notei um homem sem camisa, que segurava uma rede de pesca (estaria eu, naquele instante, numa dimensão muito próxima do Plano Físico?). A rede estava, em grande parte, mergulhada na água, que era razoavelmente transparente, numa tonalidade azul marinho. Mirei o horizonte e temi não ter como manter minha concentração, por um tempo maior, para continuar voando. Pensei, de maneira boba, que poderia cair na água. A minha lucidez estava se reduzindo e ... logo estava encaixado no corpo material. Rememorei tudo o que foi possível e passei às anotações.

DATA: 21/05/2004

RELATO 5 – ATIVIDADES NO ASTRAL

Estava lúcido no Astral e não estava sozinho. Acompanhavam-me um dos meus primos e um jovem que não conheço no Mundo Físico. Nossa localização era numa construção que

correspondia a uma escola ou faculdade espiritual. Ali eram ensinadas e ocorriam práticas de atividades que normalmente não existem em instituições de ensino terrenos. Lembro de assistir a meu primo ajudar energeticamente ao jovem, que aparentava ser um adolescente, e que nitidamente tinha menos experiência na aplicação do magnetismo, através das mãos. Depois, meu primo, após algumas instruções ao jovem, recebeu um passe do próprio rapaz, que parecia estar em treinamento.

Em seguida à atividade descrita, durante um intervalo às ocupações formais, estive com um tio que é muito preso à realidade material. Conversei com ele alguns assuntos e pude notar que não tinha muita consciência espiritual de onde estava. Ele mantinha sua velha postura de autoconfiança e otimismo, mas com um foco tipicamente terreno. A esposa dele, uma tia muito querida, não estava ali. Por um processo psíquico que não sei explicar ao certo, pude observá-la à distância, após concentrar-me um pouco. Percebi que ela havia entrado em depressão novamente. Também identifiquei que seu processo depressivo era um fenômeno cíclico e comentei isto com o meu primo, filho dela. Ele sabia dessa tendência e colocou que alguma coisa deveria estar “esquentando a cabeça dela”. Eu, de minha parte, compreendia que a situação emocional instável da minha tia era, em certo nível, devido a sua excessiva preocupação materna com o meu primo. Contudo, achei melhor não tocar neste assunto ali.

Na sequência, desci um andar da construção a que me referi antes, até o térreo, e vi que uma moça estava para fechar o local. Perguntei isto a ela, que logo me confirmou. Assim, subi um lance de escadas e, pelo corredor, onde havia diversas entradas para vários cômodos, falei alto, quase gritando, para o meu primo e o jovem que estava com ele, para irmos dali. Eles responderam afirmativamente.

Após um lapso de memória, recordo-me de estar chegando junto a uma porteira de uma espécie de sítio ou fazenda. Agora só acompanhava-me o meu primo. Adentramos o lugar e logo chegamos a um espaço, ao ar livre, onde diversos grupos, em separado, faziam um trabalho terapêutico utilizando-se de técnicas teatrais. Era algo como uma arte-terapia. A localidade onde estavam os grupos era bonita, com uma extensa área gramada e árvores esparsas. Infelizmente, minha memória não alcançou mais registros desta interessante atividade no Astral.

DATA: junho de 2004

RELATO 6 – O MÉDICO “DOUTOR SALOMÃO”

Deitei-me cansado às 23:00 h. Rapidamente adormeci, não tendo realizado exercício projetivo. Às 4:15 h da madrugada, despertei com uma música vinda da rua, em alto volume. Era alguém que estacionara um carro em frente a um bar, ainda aberto àquela hora. O motorista do veículo ligara o som, como eu disse antes, num volume altíssimo. Apesar de meu apartamento estar a cerca de 40 metros do solo, o incômodo era grande. Assim, demorei a dormir novamente, permanecendo entre o estado de vigília e o de sono, por algo em torno de 30 minutos.

Não sei a que horas a música parou, mas, depois de um tempo, “apaguei”. Ganhei lucidez numa instituição de ensino do Astral. Era um tipo de escola de enfermagem e/ou medicina. Registrei os fatos a partir de uma conversa com uma jovem de cabelos loiros, estudante no lugar, que agora não sei dizer se era desencarnada ou se estava em projeção, como eu. Contudo, já a conhecia há um bom tempo, embora não seja em decorrência desta minha vida material atual.

Confabulávamos sobre um armário antigo, ali a nossa frente, naquele cômodo daquela instituição do Plano Extrafísico. O armário aparentava ser de madeira e vidro, semelhante a uma velha cristaleira. Pertencera a um antigo médico, desencarnado há muitos anos, e que não estava mais ali naquela escola do Astral, pois subira a uma região mais sutil, mais condizente com sua vibração. O nome do médico era Salomão e nós o conhecíamos desde longa data. Comentávamos sobre uma possível surpresa que teria o bom Dr. Salomão, se ele tivesse ciência do novo uso que dávamos ao seu velho armário, que agora estava lotado de vidrarias, que usávamos nas aulas ligadas ao tema “saúde”.

Repentinamente, o médico espiritual se materializou próximo a nós, em frente ao armário. Fiquei muito surpreso, pois o Dr. Salomão habitava região superior, e, pelo que eu sabia, tinha muitos afazeres. Ele apresentou-se com uma vestimenta branca, sendo que usava uma camisa de gola alta, quase cobrindo todo o pescoço, bem como uma calça da mesma cor. Devia ter cerca de 1,85 m de altura e irradiava uma suave aura alva. Emocionei-me, pois o médico emanava uma energia de bondade e compreensão, muito agradáveis. No entanto, naquele momento, não era possível enxergar bem o seu rosto, mas apenas seus cabelos loiros e um tanto grisalhos. Em seguida, a aparição esvaneceu-se.

Então fui procurar a amiga de muitos anos, a médium Tetê Souza, que sabia estar ali naquela instituição extrafísica. Encontrei-a num outro cômodo, sentada num sofá. Sentei-me ao seu lado e narrei a ocorrência. Ela emocionou-se também, até chorando um pouco, pois tinha vínculos

com a entidade desde outros tempos. Um pouco depois, aconteceu um fenômeno mediúnico de materialização parcial, em pleno Mundo Astral, através das bioenergias da médium. O rosto da Tetê foi encoberto pelo rosto do Dr. Salomão. Vi com clareza sua fisionomia, agora apresentando-se mais jovem. Ele tinha pele muito clara e as suas bochechas eram rosadas; seus cabelos eram loiros, curtos, mas com bom volume; o rosto era largo e os olhos ligeiramente oblíquos e castanhos.

O fenômeno, a seguir, perdurou com a alternância entre a imagem do rosto de Tetê Souza e o do Dr. Salomão, por três ou quatro vezes seguidas. Eu fiquei ali, magnetizado, observando ora o rosto da médium, ora o rosto do médico espiritual. Confesso que até senti-me incomodado pelo olhar penetrante da entidade, nos instantes em que seu rosto permanecia materializado. Ele parecia querer registrar firmemente, na minha memória, aqueles momentos. Queria me passar uma mensagem específica também, mas eu estava impressionado com o fenômeno em si. Então, perguntei-lhe o que queria exatamente. Não houve uma resposta direta a minha indagação, mas seu rosto, logo depois, cresceu e se projetou à frente, na minha direção. Não vi mais nada naqueles instantes, a não ser a sua fisionomia. Em seguida, despertei no meu leito. Eram 7:30 h da manhã.

Antes de registrar este relato, ainda deitado, entendi o que a entidade queria me dizer. O Dr. Salomão desejava que eu informasse à Tetê Souza, que ele era o espírito que incorporara por duas vezes nela, no Grupo Espiritualista, quando realizara duas curas em pessoas que frequentavam a casa (um menino de mais ou menos cinco anos de idade, que tinha sangramentos provenientes da garganta/esôfago, e uma mulher que tinha miomas). O Grupo que frequentávamos, à época, era mais especializado em desobsessões, e não em trabalhos de cura. O médico espiritual havia “descido” naquelas oportunidades, mas sabia que não o faria mais, pois a finalidade principal daquele centro era outra. Então, utilizou-se desta minha viagem astral, para comunicar ao seu “aparelho” aqui na Terra (Tetê Souza) a sua identidade, pois no Grupo ele nem ao menos se identificara durante as incorporações. Como o Dr. Salomão também tinha ciência de que Tetê pouco se recordava de suas experiências extrafísicas, utilizou-me para passar a informação a ela. Além disso, outro aspecto que ficou na minha mente, foi que o Dr. Salomão iria ajudar de alguma forma numa cirurgia de Elísio, irmão carnal de Tetê, que precisava operar seus rins. A intervenção cirúrgica material de Elísio transcorreu muito bem e o pós-operatório evoluiu satisfatoriamente, algumas semanas depois desta minha vivência.

DATA: 16/12/2004

RELATO 7 – APRENDIZADO SOBRE REENCARNAÇÃO

Era noite e fui deitar cedo, pois no dia seguinte iria fazer uma viagem até Engenheiro Passos, distrito de Resende-RJ. Não me preocupei em realizar uma experiência fora do corpo. Ela simplesmente aconteceu, provavelmente pela interferência de um amparador, de maneira que eu tivesse um aprendizado sobre as dificuldades que cercam algumas reencarnações.

O que recordo, é a partir da minha presença lúcida num ambiente, na companhia de um senhor de aparentes 60 anos de idade. Ele vestia uma tradicional indumentária (fraque), muito frequente nos anos 20 e 30 do século XX, mas não usava nada na cabeça (comumente o fraque era acompanhado por uma cartola). Tinha cabelos grisalhos, rosto redondo e barba rala. Ele era branco e seu corpo um tanto rechonchudo.

O senhor narrava uma história, enquanto eu prestava atenção a uma tela, podendo assistir a fatos da vida terrena de um homem jovem (no máximo teria 30 anos), que logo compreendi ter sido filho do narrador.

O jovem, após o desencarne de seu pai, teve fartos recursos materiais a sua disposição. Passou a ter uma vida muito desregrada, tornando-se um tipo extremo de boêmio, e ficando doente por conta disso. Compreendi que isso ocorreu próximo à década de 30 do século passado, a julgar pelas roupas e pelo calhambeque que vi ele dirigir numa cena. Logo faleceu, abreviando muito a sua vida material, que transcorreu na Europa. Então, ele foi atraído para uma densa área umbralina, dominada por uma entidade, cujo nome me foi comunicado, mas não lembro exatamente (parecia ser um nome alemão).

A narrativa do senhor grisalho e as imagens continuavam. Agora, eu acabara de saber que o ser que comandava aquela região do Astral Inferior, já estava desencarnado há muito tempo, possuindo um grande magnetismo pessoal. De certa forma, ele hipnotizava toda a coletividade que residia em sua “cidade umbralina”. Os espíritos situados ali, acreditavam que aquele ser era uma espécie de rei-divindade. Notei, conforme o desenrolar das vívidas cenas, que aquelas pessoas iludidas praticamente haviam se esquecido de suas últimas vidas terrenas. Era como se os seus passados materiais imediatos tivessem sido apenas uma ilusão. Encaravam suas pretéritas vidas físicas como um passado muito distante ou como mero sonho. Ou seja, a vida real era aquela que viviam ali, naquela comunidade.

O rei ou chefe do lugar era adorado como um messias, ou como um deus. Ele era um homem esquisito, com olhos esbugalhados e sem barba ou bigode. Seus cabelos eram negros e lisos, tendo uma pele muito branca. Não apresentava, no conjunto, uma aparência saudável. Consistia uma figura intrigante, com traços que denotavam algum desequilíbrio mental.

Muitas outras cenas e narrativas prosseguiram, mas meu cérebro físico não pôde registrar tudo a contento. Porém, consegui compreender o desfecho para a história do filho do narrador. Depois de muito tempo naquela “cidade umbralina”, ele foi resgatado. Contudo, a profundidade de hipnose ao qual ele se permitiu chegar, era grande, não sendo possível despertá-lo no Astral. O remédio seria uma reencarnação compulsória, conseguida pelo mérito e intervenção do pai (o narrador). Entendi que, para isso, seu pai passou a visitar previamente um parente encarnado, provocando o seu desprendimento do corpo material, preparando-o, nessas oportunidades, para ser o seu novo genitor. Recordo de uma cena em que este parente acabara de despertar de uma noite de sono, dizendo que sonhara com o rapaz desencarnado há anos atrás, de quem ainda se lembrava, devido à convivência pretérita e aos laços de parentesco.

Então, despertei em minha cama, com a sensação de que tudo deu certo depois, no processo reencarnatório do jovem boêmio. Fiquei muito surpreso com esta experiência extrafísica, encarando-a como um aprendizado sobre as dificuldades que existem em torno da reencarnação de alguém. Logo passei às anotações, para não perder o que estava na memória.

DATA: 21/01/2005

RELATO 8 – ESCAPE AÉREO

Estava projetado no Umbral, mais uma vez. Era um lugar esquisito e predominava um “clima” de confusão. Não sei como fui parar ali, mas já estava acostumado com estas “surpresas” não muito agradáveis.

Eu me deslocava por uma estrada asfaltada, mas, nos arredores, havia lama. A vegetação era rala e sem beleza. Após um tempo caminhando, notei, próximo à estrada, que chegava a uma área em que haviam muitos jovens jogando futebol. A algazarra entre eles era grande. Seriam desencarnados, habitantes daquela área umbralina, se divertindo? Ou seriam pessoas projetadas, que, encontrando-se por laços de afinidade, simplesmente reproduziam no Astral o que faziam na Terra? Não tinha uma resposta exata para esses questionamentos e, na verdade, eu estava

interessado fundamentalmente em sair dali. Fui passando ao largo daqueles seres que se divertiam, quando fui chamado por um deles para jogar também. Declinei do convite sutilmente e prossegui.

Depois, se aproximou um ônibus pela estrada. Fiz sinal e, surpreendentemente, ele parou. Entrei no ônibus, o que foi um erro de minha parte. Após um tempo viajando naquele veículo “astralino”, que passou por regiões estranhas e de teor vibratório “pesado”, percebi que haviam vários zombeteiros naquele ônibus. Tudo era motivo de escárnio. Este era o foco daquelas entidades, que percebi serem pessoas desencarnadas. Desta forma, resolvi saltar do ônibus, o que o fiz numa área semelhante a um cais de porto.

Comecei a andar pelo local e avistei um prédio. Fiquei curioso e fui até ele. Estava meio deprecado. Passei pela portaria, que não tinha ninguém tomando conta, e vi que haviam escadas. Subi por elas e, num dado andar, percorri os corredores. Parecia uma construção abandonada. Entrei num dos apartamentos, cuja porta estava aberta. Ali havia três pessoas: um homem e uma mulher, que pareciam formar um casal, e uma outra mulher, que aparentemente estava em busca de um companheiro. Conversei com eles rapidamente, logo notando que eles desejavam prazeres sexuais. O casal insinuou que eu poderia ficar com a mulher solitária.

Então, fiquei mais lúcido. Eu estava perambulando por aquela região umbralina por qual motivo? E pensei que poderia voar, o que fiz rapidamente através de uma janela daquele apartamento. Eu havia me jogado de uma altura correspondente talvez ao oitavo andar do prédio. Apesar de existir uma evidente densidade vibratória, pude me deslocar bem pelo ar. Dirigi-me ao mar, pois estava num tipo de área portuária. Notei que as águas estavam sujas, como se ali ocorresse intenso despejo de esgoto sanitário. Subi mais, ampliando meu horizonte. Era realmente o mar. O céu estava relativamente claro (havia luz solar, ou algo semelhante a ela). Agradei a Deus, através de uma oração do “Pai Nosso”. A volitação era boa, e eu me mantinha com boa concentração mental. Passei a prestar atenção maior no mar, notando que, mesmo após eu me afastar da costa, em direção ao mar aberto, ainda havia detritos e uma espuma esquisita flutuando em alguns pontos. Ao longe parecia ser mais limpo. Após um tempo difícil de definir, retornei ao corpo, feliz pelo voo que consegui realizar. Era madrugada e passei a anotar esta vivência, ainda com muito sono. Pela manhã, ao reler o que havia anotado anteriormente, ri-me da minha escrita grafada horas antes, pois era o que se pode chamar de garrancho. Estava quase ininteligível.

DATA: 14/04/2005

RELATO 9 – FUGA PARA O CORPO

Após ter acordado, durante a madrugada, tornei a dormir. Não tinha intenção de me projetar. Apenas desejava descansar. No entanto, logo adquiri lucidez numa rua sombria. Novamente estava num local de características umbralinas!

Caminhava e me reconhecia perdido, sentindo, ainda, uma desagradável sensação de perigo. Como eu havia chegado ali? E por quê? Estas eram perguntas que passaram brevemente pela minha mente. Mas, o “clima” tenso do ambiente roubou rapidamente a minha atenção.

Observei homens desconhecidos perambulando pelos arredores. Notei, após um tempo caminhando, que meus passos eram seguidos a uma certa distância. Havia seres espionando-me, com um interesse não amistoso. Era o que a minha intuição alertava. Assim, acelerei minha marcha em direção a uma passagem semelhante a um túnel. Logo eu estava nos subterrâneos de um grande prédio. Fiz esta manobra, na intenção de abrigar-me ali, evitando a exposição na rua.

Uma vez no local, que parecia ser uma área de serviço interna, notei que o lado oposto dava para uma outra rua. Tive a ideia de pegar aquela via e tentar retornar por trás, de modo a voltar ao meu ponto de origem, despistando quem me seguia. Contudo, esta outra rua estava cheia de homens um tanto esquisitos e sombrios. Parecia que, de alguma forma, eles orquestravam manobras para me cercarem, desde o início de minha caminhada. Então, permaneci onde estava, até que surgiu uma moça uniformizada. Ela assemelhava-se a um tipo de funcionário do prédio (como uma faxineira ou copeira por exemplo). Perguntei-lhe se a área externa era perigosa. Ela respondeu-me que sim, sobretudo naquele horário. A seguir, ela voltou aos seus afazeres, afastando-se de mim. Fiquei, desta forma, sem uma saída aparente. Angustiei-me e pensei: “não vou ficar nesta situação, não! Vou fechar meus olhos e, quando abri-los, estarei de volta ao meu corpo, na minha cama.”

Fiz o que havia pensado, mas, quando abri os olhos, percebi que havia me transportado para a casa de uma médium amiga, a Martha, que há tempos reclamava que eu não lhe fazia uma visita. E lá estava ela, projetada. Viu-me e reconheceu-me, logo sorrindo, feliz com a minha presença ali. Entretanto, eu ainda estava tenso e com o desejo de retornar ao corpo físico. Assim, fechei novamente os olhos e, quando os abri novamente, já estava de volta à matéria.

Levantei-me da cama e fui registrar a experiência em papel. Durante as anotações, raciocinei sobre a dificuldade de termos um bom grau de lucidez no Astral. Pensei também na possibilidade de minha mente terrena ter distorcido alguma parte desta vivência extrafísica, o que é de fato viável. No entanto, pelo menos tive a lucidez necessária para entender e escapar de uma

situação desagradável, sem contendas desnecessárias e sem maiores desgastes bioenergéticos.

DATA: outubro de 2005

RELATO 10 – AMIGO DESNORTEADO

Em determinada noite, tive uma interessante experiência no Astral. Eu passeava num amplo lugar, com dois pavimentos, que lembrava um *shopping*. Muitas pessoas, de ambos os sexos e bem arrumadas, perambulavam por ali. Havia uma certa sensualidade no ambiente, que captei pela via intuitiva. O local, embora fosse limpo e razoavelmente bem iluminado, não apresentava uma atmosfera sutil, em termos vibracionais.

Então, encontrei-me com o Lúcio, amigo desde a época do colégio. Eu quase não tinha mais contato com ele no Plano Físico, a não ser quando eu ia, esporadicamente, à residência de Marcel (um amigo em comum). Bem, retornando ao relato, deparei-me com o Lúcio. Eu não surpreendi-me em tê-lo encontrado naquele lugar, e, imediatamente, perguntei-lhe: “Lúcio, você sabe o que é isto aqui?” Ele foi pego de surpresa e a expressão de seu rosto, com a boca entreaberta, denunciava a sua ignorância sobre onde estava. Desta maneira, eu mesmo respondi: “Lúcio, isto aqui é um prostíbulo!”

Minha resposta o deixou mais espantado ainda, e ele ficou quase literalmente de “queixo caído”. Logo após, retornei ao meu corpo denso. Achei a experiência muito estranha e com pouco sentido. Acreditei que teria havido uma forte distorção de minha mente encarnada, na rememoração dos fatos, apesar da grande nitidez de tudo o que eu vira, e da certeza que eu tinha no Astral, de que aquilo era um lugar voltado a encontros de ordem sexual.

Pela manhã, como sempre fazia, rumei para o meu trabalho. No entanto, a lembrança da experiência noturna não saía de minha cabeça. Pela hora do almoço, recebi um telefonema de Marcel. Para a minha surpresa, ele me ligava para dar notícias de Lúcio. E Marcel passou a me dizer que Lúcio passava por uma forte crise econômica, e que havia dito que pensava em dividir seu pequeno apartamento com prostitutas, pois elas usariam o espaço quando precisassem, e ele receberia um aluguel por isso.

Fiquei estupefato com estas informações, que logo associei à experiência noturna que tivera, bem como surpreendi-me bastante pela ideia descabida de Lúcio. Em seguida, contei a

vivência no Astral ao Marcel, que, por sua vez, também mostrou espanto pela correlação entre os fatos. Mais tarde, meditei sobre a ocorrência e concluí que talvez Lúcio estivesse absorvendo “instruções” nos submundos extrafísicos, de modo a tentar sair de sua dificuldade financeira. Ele deveria, creio eu, ter sido atraído para aquela área umbralina relacionada ao sexo, de onde se originava a sua nefasta inspiração, aqui no Mundo Terreno. Também pensei que, por este motivo, algum mentor ou amigo espiritual deva ter me envolvido na questão, na tentativa de demovê-lo de implementar esta “solução” para o seu problema. Felizmente, o Lúcio não levou adiante esta ideia, e, com o tempo, reequilibrou a sua vida material.

DATA: 26/01/2006

RELATO 11 – REENERGIZAÇÃO E VISÃO 360 GRAUS

Era um sábado e fizemos uma reunião mediúnica, onde ocorreram trabalhos difíceis. Muitos integrantes do Grupo Espiritualista Francisco de Assis ficaram visivelmente cansados. Mais tarde, por volta de 23:00 h, fui deitar-me. Eu só queria repousar e, por isso, nem tentei exercícios projetivos. Fiz algumas orações e mentalizei a absorção de energias, com a intenção de recuperar-me do desgaste nas atividades espiritualistas. Em dado momento, “apaguei”.

Provavelmente, com a ajuda de algum amparador, fui levado a um belíssimo local de refazimento energético. O lugar era semelhante ao litoral do Rio de Janeiro. De início, minha lucidez não era das mais intensas. Quem parecia me acompanhar, era o meu falecido pai, com o qual eu conversava banalidades. Caminhávamos por uma estrada, que contornava um morro, quando paramos para admirar a paisagem. O panorama era muito belo e, conforme eu admirava os detalhes do céu muito limpo e azul, bem como a extensão do mar, algumas ilhas e as curvas do litoral, fui adquirindo maior lucidez.

Fiquei extasiado com a beleza diante de mim, submetendo-me à energia agradável e serena do ambiente. Estiquei os braços para a frente, tentando entrar em comunhão com tudo aquilo, e, automaticamente, comecei a flutuar. Ao subir, o meu campo visual ficou mais amplo. Isto melhorou a minha consciência quanto ao que estava acontecendo e pensei: “estou projetado! Vou simplesmente me entregar a esta sensação de paz, leveza e relaxamento. Assim, não retornarei ao corpo!”

Então, subi mais e flutuei “aleatoriamente” em várias posições (de lado, de barriga para

cima e de barriga para baixo). Nestes momentos de profundo relaxamento, pude notar que o meu sentido da visão amplificou-se. Não enxergava somente através dos olhos perispirituais. A minha percepção visual estava maximizada, pois podia ver em vários ângulos ao mesmo tempo. Eu enxergava o todo a minha volta, sem ter que virar a cabeça (isto deve ser o que outros projetores chamam de visão 360 graus ou de visão esférica).

Não sei dizer o tempo que fiquei nesta situação “mágica”, quase extática. A alegria e a paz reinavam, conjuntamente, naqueles instantes. Veio-me à mente o símbolo do infinito (∞), ao mesmo tempo em que uma de minhas pernas movimentava-se, riscando incessantemente no ar, o referido símbolo. Estava vivenciando uma ampliação de consciência. Infelizmente, a vivência não se prolongou e, quando dei por mim, estava abrindo os olhos carnis. Olhei para o relógio e já eram quase 9:00 h da manhã de domingo. Abri a persiana e notei um céu muito azul e limpo, como na localidade da projeção. Eu estava feliz e bem reenergizado.

DATA: 09/04/2006

RELATO 12 – DESPERTANDO UM AMIGO

No início de 2006, ocorreu o desencarne de um amigo do meu ambiente de trabalho material. Carlos tinha somente cerca de trinta anos de idade e estava conosco há quatro anos na repartição. Casara recentemente e terminara um curso de pós-graduação, podendo-se afirmar que ele estava feliz e cheio de vontade de viver. Uma vez Carlos me dissera, numa conversa particular, que não acreditava muito em “coisas espirituais”, embora fosse curioso sobre esse assunto, desde que se utilizasse de uma lógica racional ou científica para abordá-lo. Ninguém esperava que sua vida material fosse tão breve, e muito menos ele próprio. Houve consternação geral, quando chegou a notícia de que ele tivera um infarto dormindo e, embora se tenha tentado socorrê-lo, não houvera tempo hábil.

Alguns dias após o desencarne de Carlos, eu tive uma informação sobre ele, através da médium e amiga Tetê Souza, no nosso Grupo Espiritualista. Ele ficaria um bom tempo agindo como se estivesse com sua vida corpórea normal, já que não estava preparado para partir ainda. Inclusive, ele continuaria indo ao seu antigo trabalho, para realizar as tarefas corriqueiras de antes.

De fato apercebi-me da correção da informação recebida, pois, semanas mais tarde, um

colega do serviço (Marcos) me procurou para comentar que havia tido um “sonho” com o Carlos. Ele narrou-me que havia se encontrado com Carlos e, surpreso, falou ao recém-desencarnado: “Carlinhos! Você morreu!” No entanto, Carlos lhe respondeu veementemente e de forma repetida, a cada vez que Marcos afirmava que ele havia morrido: “Eu estou vivo! Eu não morri não!” Alguns dias depois que Marcos havia me contado o seu “sonho” (um encontro no Astral, ou seja, uma experiência extrafísica), eu mesmo tive uma vivência extracorpórea, onde encontrei-me com Carlos e tive uma conversa com ele sobre a sua nova situação. Foi uma projeção em que não tive condições de rememorar bem as palavras da conversa, mas recorro que todas as minhas argumentações não faziam efeito em despertar Carlos, para o fato ocorrido com ele. Algumas semanas depois, uma colega da repartição, Andréia, “sonhou” com Carlos. Ele lhe disse, durante a experiência, que apenas passara mal, mas já estava bem, completando: “Agora está tudo bem. Foi só um susto!” Andréia era muito amiga de Carlos, mas por ser uma católica praticante tradicional, ficou assustada com a nitidez do “sonho”, desabafando o temor advindo de sua experiência com Anita, também amiga de Carlos. Esta contou o caso a mim, pois sabia que eu sou espiritualista e poderia dar uma explicação sobre este assunto. Naquele momento, apenas comentei que Carlos era uma ótima pessoa, mas por não ter uma consciência formada acerca da vida após a morte física, estava tendo dificuldades em entender seu novo estágio evolutivo. Completei que ele precisava de orações em sua intenção e bons pensamentos vibrados para ele, de uma forma geral. Mais à frente, outras pessoas conhecidas tiveram “sonhos” com Carlos. Contudo, não pretendo me alongar sobre todos estes casos, que demonstravam a proximidade dele com as pessoas de seu antigo convívio.

Em 20 de julho de 2006, alguns meses depois do desencarne de Carlos, tive um novo encontro com ele durante uma projeção astral. Era um lugar amplo, semelhante a um quintal de uma casa. Eu, novamente, conversava com ele tentando despertá-lo para a sua nova realidade. Num dado momento, apontei para o seu lado direito e lhe disse: “Veja! Com este você pode falar normalmente, que ele vai lhe responder, pois é um desencarnado como você.” Então, Carlos fez um sinal para ele (um jovem de cabelos claros que estava ali de pé) com as mãos, em cumprimento, sendo que logo foi correspondido. Em seguida apontei para o lado esquerdo de Carlos, onde a cerca de três metros estava um encarnado projetado, de pé, que estava inconsciente (embora estivesse de olhos abertos, percebi que estava dormindo no Plano Astral, pois seu olhar era fixo), e eu lhe disse: “Com esse aí você não poderá falar, pois é um encarnado.” É claro que poderia falar com um encarnado projetado, desde que este estivesse lúcido no Astral, o que não era o caso! Porém utilizei-me deste argumento, pois foi o que me veio à cabeça, naquele momento, para convencê-lo de que já não estava mais no Mundo Material. Então, Carlos se aproximou do homem projetado e tocou-o de leve

no braço, tentando chamar a sua atenção. Não teve sucesso, pois o homem continuou parado, ignorando tudo o que estava a sua volta. Percebendo que eu tinha razão, Carlos baixou a cabeça, demonstrando-se triste. Porém, eu ainda não estava satisfeito e chamei a atenção dele mais uma vez, falando: “Carlos, veja agora uma coisa!” Eu, que estava em frente a ele, mais ou menos a uma distância de cinco metros, comecei a emitir energia através do meu chacra frontal (centro energético do 3º olho), fazendo movimentos circulares com minha cabeça, focando umas folhas e poeira astrais que estavam no chão, à frente dele. Logo, os resíduos que estavam inertes passaram a se movimentar, como um pequeno rodaminho, provocado por mim. Após isso, mirei nos olhos de Carlos e nada falei, embora ficasse claramente no ar uma pergunta: seria possível na vida física alguém fazer isso? Ele estava nitidamente desapontado, porque, desta vez, meus argumentos pareciam tê-lo convencido de que ele não pertencia mais ao Mundo Material. Na sequência, não me lembro mais o que ocorreu.

Despertei no corpo, impressionado com a viagem astral, pois já há um bom tempo não pensava mais no Carlos. Provavelmente, algum amparador levou-me ao encontro dele, na tentativa de que eu, com as vibrações “mais densas” que possuo por ser encarnado, pudesse despertar a consciência de Carlos. Espero que ele tenha compreendido bem e aceite sua nova condição, evitando que fique estagnado em sua evolução espiritual, que era o que estava ocorrendo até então, enquanto ele permanecia no Plano Terreno, próximo a parentes e amigos. No entanto, tudo também depende do livre-arbítrio de Carlos. Ele deverá fazer a sua escolha, se é insistir em estar junto ao Mundo Físico ou seguir para uma cidade espiritual adequada ao seu padrão vibratório.

DATA: 04/08/2006

RELATO 13 – AJUDA INUSITADA A DESENCARNADO

Esta experiência extrafísica considerei bastante curiosa e original, não me recordando de ter vivenciado uma outra com características semelhantes. Registro que havia passado um dia agradável e que eu lera textos interessantes sobre assuntos espiritualistas. À noite, antes de dormir, fiz exercícios bioenergéticos bem proveitosos, visualizando uma luz de tom dourado. Após tais exercícios, “apaguei”.

Em dado momento noturno, eu estava fora do corpo, num ambiente desconhecido, junto

a um desencarnado sem maiores entendimentos sobre a sua condição. Próximo a nós, havia um amparador (mentor). O lugar parecia ser um posto socorrista. Eu sabia que a entidade desequilibrada havia sido resgatada do Umbral já há algum tempo, mas não compreendia exatamente o que ocorrera consigo. O mentor me explicou que nós desceríamos para o lugar onde o desencarnado vivera por um bom tempo, após o seu falecimento material, de modo que ele reavivasse a sua mente. Assim, poderia entender melhor os fatos passados, e, desta maneira, sossegar um pouco mais, de modo a se coadunar com as energias melhores que existiam no posto socorrista.

Um fato muito curioso, é que o espírito confuso trajava uma roupa larga de cores fortes (verde, vermelho e branco), assemelhando-se aos trajes de um palhaço. Após a explicação que narrei acima, o amparador fez um gesto com uma mão espalmada, desde a frente da minha testa, até mais ou menos a minha cintura, plasmando em mim uma roupa parecida com a da entidade desequilibrada. Automaticamente minhas vestes ficaram das mesmas cores já indicadas, com a diferença de que eu ganhei um chapéu comprido e mole, com uma bolinha na ponta. Entendi que estávamos caracterizados como seres zombeteiros, possivelmente semelhantes com alguns que transitavam pela área umbralina, para onde iríamos. Assim, seria mais difícil sermos perturbados ou atacados, ou seja, aquilo era um disfarce. Provavelmente, a minha presença naquele trabalho era decorrente de eu ser um encarnado, e, por isso, teria vibrações mais “densas” e adequadas para dar um suporte geral à atividade. Então, o mentor tornou à orientação, reforçando que iríamos para o local assinalado, com o intuito de reavivar a memória do irmão desencarnado, e para ele perceber que lá não era um bom lugar para permanecer.

A seguir, lembro que nos transportamos de forma instantânea para onde deveríamos ir. O mecanismo de tal deslocamento não sei como foi acionado. Uma vontade superior atuou, de modo que simplesmente surgimos lá. A localidade era o interior de uma construção suja e escura, com equipamentos quebrados. Parecia ser uma fábrica abandonada e, a nossa frente, estava uma escadaria que descia, quase completamente obscura. Era possível enxergar vultos naquele ambiente, que transitavam de forma desconfiada, se esgueirando. Tive a forte impressão que seus perispíritos teriam coloração cinza-escuro. Confesso que tive certo receio, mas uma força invisível me conduzia. Logo passei a realizar gestos amplos, com os braços bem esticados, como que invocando energias superiores para aquela atmosfera pesada. Percebi, um pouco surpreso, que eu estava canalizando um fluxo energético em todas direções sob a penumbra. Repentinamente, tudo clareou razoavelmente. Notei que as lâmpadas velhas do teto acenderam, fornecendo uma luminosidade suficiente para dar uma sensação maior de segurança. Esta claridade também permitiu que o

desencarnado que me acompanhava, pudesse avaliar melhor onde estivera por muito tempo, após a sua morte física, em sua semiconsciência. Quanto ao amparador, não era possível vê-lo (provavelmente deveria estar num padrão mais sutil de vibração que nós).

O lugar era horroroso! Não havia mais dúvidas para o irmão ao meu lado. O impacto sobre ele fora notável. Senti que ele estava mudo de espanto, se perguntando intimamente como aguentara ter ficado ali por tanto tempo. Na sequência, recordo que retornamos ao posto socorrista, também de forma abrupta. E logo comecei a lutar para não perder a lucidez e a memória dos fatos, pois queria registrar a experiência na Terra. Assim, acordei em minha cama, após alguma dificuldade tanto em me reacoplar, como em despertar em si. Eram 4:00 h da madrugada. Repassei mentalmente os fatos, para, em seguida, buscar papel e caneta. Achei interessante como fluiu bem a escrita, embora eu estivesse com sono.

DATA: 18/08/2006

RELATO 14 – RESGATE DE UM IDOSO

Há vários dias seguidos, eu vinha dormindo tarde e acordando cedo para ir ao trabalho. Portanto, a minha reserva de energia não era das melhores. Neste contexto, fui deitar-me apenas com a intenção de simplesmente descansar. Não pensava em me projetar, e nem ao menos realizei qualquer exercício bioenergético ou projetivo.

No entanto, após “pegar no sono”, lá estava eu projetado. Situava-me num velho casarão, que tinha muitos cômodos. Perambulei pela residência a busca de alguém, mas não tenho lembrança clara de nenhum planejamento prévio com algum amparador, sobre a atividade em si. Creio que o meu estado geral de cansaço não permitiu uma boa recordação, desta primeira fase da viagem astral.

Após um certo tempo, retirei um senhor desencarnado, aparentando cerca de 65 anos de idade. Talvez ele tivera falecido ali, mas permanecido na casa. Conduzi a entidade, que me seguia docilmente, até o quintal. O lugar era todo murado e, de alguma forma que não me recordo, subimos no elevado e espesso muro. Não havia, naquele ambiente, qualquer tensão ou preocupação. Parecia-me que ele era apenas alguém que havia desencarnado, mas não pudera ainda elevar-se até uma dimensão mais sutil, provavelmente devido a um limitado grau de compreensão sobre a vida

após a morte. Além disso, é bem provável que ele mantivesse um grau significativo de apego à vida que levava no local. Contudo, a sua atitude e a vibração predominante demonstravam que era uma pessoa pacífica. Assim, a operação prosseguia com tranquilidade.

Seguimos pelo muro, que terminava num paredão, forçando-nos a parar por um instante. Precisávamos atravessá-lo e notei que o paredão era basicamente um obstáculo material. Olhei para o idoso e ofereci a minha mão, porque sabia que poderíamos ultrapassá-lo. Ele segurou-a, expectante. Facilmente transpus a parede e puxei o senhor pela mão. Foi uma cena curiosa, ver o braço dele surgindo através do paredão, e, logo em seguida, divisar o seu rosto sorridente. Ele expressava uma mistura de surpresa e satisfação em sua face.

E o que aconteceu depois? Infelizmente, a minha memória só vai até este ponto. O cansaço acumulado nos últimos dias não permitiu um registro mnemônico maior. De qualquer maneira, após despertar, eu estava com uma sensação agradável. Creio que a atividade foi coroada de êxito. E o rosto de satisfação do idoso ficou muito tempo na minha mente. Esta foi uma experiência relativamente curta, mas de considerável valor para mim.

DATA: 30/08/2006

RELATO 15 – A “FESTA-ARMADILHA”

Eu estava no interior do Estado do Mato Grosso, realizando um trabalho para a minha empresa. Na última noite de minha estadia, na cidade onde estava hospedado, realizei uma projeção astral, após deitar-me para o merecido descanso, naquele solitário quarto de hotel. Assinalo que não era a minha intenção obter uma experiência extrafísica.

Recordo a partir do ponto em que eu estava reunido com minha mãe e pai, falecidos há vários anos, numa casa ampla. Havia também outras pessoas, as quais não pude lembrar as suas exatas identidades. Estávamos organizando uma festa (com enfeites típicos de um aniversário) numa grande sala, que não pude discernir se era a contraparte sutil de algum ambiente físico, ou se era uma construção plasmada no Astral. Eu tinha ciência de que aquele evento era um plano para auxiliar uma pessoa encarnada, que estaria projetada ali, em breve. Quando ele chegou, um jovem de mais ou menos 25 anos de idade, ele veio acompanhado por dois desencarnados que eram seus parentes. Um era o pai e o outro era irmão dele. Não sei ao certo como os três chegaram ao local.

Acredito que tenham sido guiados por algum amparador.

Agimos de maneira que eles se sentissem a vontade, pois eram convidados muito bem quistos para aquela “festa”. Logo compreendi que os dois acompanhantes do rapaz projetado estavam, inconscientemente, retirando energia dele. Havia grande afinidade entre eles, o que promovia aquela relação energética desfavorável ao jovem encarnado.

Em determinado instante, eu e mais duas pessoas nos achegamos ao rapaz e seus parentes. Retiramos ele da proximidade dos desencarnados, quando seu pai começou a gemer e a reclamar. Aquele senhor tentou agregar-se ao filho, esticando o braço até às costas dele. Sua mão, ao tocar nas costas do jovem, grudou-se como se fosse um ímã numa chapa de metal. Automaticamente puxei sua mão, impedindo a continuidade do processo. Outra pessoa segurou o rapaz pelos ombros, levando-o para um cômodo próximo. Agora, estava livre. Aliás, ele não mantinha um bom grau de lucidez no Astral, ou seja, naquele estado era facilmente manipulável.

Então, houve um lapso de memória de minha parte. Não sei para onde encaminharam os dois desencarnados. Só me lembro, em seguida, de estar com o jovem num quarto, onde eu o acomodei numa cama espaçosa. Quando eu estava colocando um cobertor sobre ele, o rapaz começou a se debater um pouco. E eu disse: “Calma Adalberto! Tenha calma!” Felizmente, ele sossegou-se embaixo da coberta. Na sequência, despertei em meu leito do hotel.

Sentei-me na cama e procurei lembrar tudo passo a passo. Adicionalmente, senti que o pai e o irmão de Adalberto faleceram num acidente automobilístico, onde o jovem escapara por pouco. Após o acidente e a recuperação de Adalberto, seus parentes desencarnados continuaram presentes, próximos a ele. Isto estava prejudicando a sua vida material, embora a vampirização não fosse intencional. Todo aquele aparato de festa, montado no Mundo Astral, foi realizado tão somente para atrair o grupo para um local adequado, onde seria possível o desligamento dos desencarnados em relação ao seu “hospedeiro”. Entendi, também, após retornar ao corpo denso, que a vida de Adalberto (que não conheço no Plano Terreno), melhoraria bastante de uma forma geral. Além disso, seus parentes obviamente seriam amparados pela Espiritualidade. Então, registrei tudo no papel rapidamente, evitando um esquecimento posterior dos detalhes aqui colocados. Fiquei muito satisfeito com a possibilidade de rememorar esta experiência, que considerei clara e com uma sequência bem lógica.

DATA: 22/03/2007

RELATO 16 – A PREGAÇÃO

Levantei às 3:30 h da madrugada, para ir ao banheiro. Em seguida, bebi água e voltei para a cama. Não pensei em projeção astral, rapidamente voltando a dormir.

Recobrei a consciência no Astral, enquanto voava sobre a orla marítima. Aliás, o meu nível de lucidez não era muito bom, pois eu apresentava um estado de sonolência em pleno Mundo Sutil. Ou seja, eu estava ali sendo praticamente levado por algum amparador, pois embora visse a praia e o mar com algum interesse, estava meio “dopado” de sono.

A minha jornada se dava a cerca de 20 metros de altura e a paisagem era muito bonita. O céu estava azul, sem nuvens, com grande claridade ambiental. Num determinado momento, minha consciência ficou plenamente desperta, quando divisei, lá embaixo, um lugar pintado em cores fortes. Era um tablado, aparentemente de madeira, com três faixas largas em tons de azul, amarelo e vermelho, respectivamente (as faixas pareciam ter sido pintadas com tinta a óleo). Lá havia uma pequena aglomeração de pessoas, em bancos compridos de madeira, que ouviam um pregador, trajado à semelhança dos pastores evangélicos que usam ternos escuros, fazendo uma exposição de ideias.

Como agora eu estava bem lúcido e curioso sobre o que se passava no local, desci até ficar a cerca de cinco metros sobre a praia, logo acima do palco dos acontecimentos. Passei a prestar atenção às palavras do homem, para entender o assunto abordado. Ninguém notou a minha presença, pois eu devia estar numa vibração mais sutil do que os demais daquele evento. Não sei se eles eram desencarnados ainda apegados à vida terrena, ou se eram pessoas projetadas numa frequência energética mais densa do que eu estava. O fato é que não me viam.

O pregador dizia que antigamente havia, no geral, mais respeito entre as pessoas. A seguir, deu um exemplo disso, comentando que em outros tempos se falava assim: “O senhor André tentou assassinar ao senhor José em sua própria casa!” (ele deu ênfase a palavra “senhor”). A seguir, concluiu o seu raciocínio, dizendo que até as pessoas mal-intencionadas, como o “senhor André” do exemplo, eram tratadas com respeito. Ou seja, os tempos antigos eram melhores do que o atual. Eu, que observava ocultamente, achei a sua argumentação fraca. Mas, continuei a assistir à situação, que se desenrolava logo abaixo.

Então, notei que num dos bancos bem em frente ao pregador havia um idoso, aparentando um pouco mais de 65 anos de idade. Ele apresentava sequelas típicas de um derrame cerebral, com sinais evidentes do lado esquerdo do seu corpo (o braço e a perna esquerdos estavam

um pouco tortos). Ele estava acompanhado por uma moça de, no máximo, 20 anos de idade aparentes. O ancião, ao ouvir as palavras do palestrante, levantou-se tão abruptamente quanto possível, meio capenga, logo sendo acompanhado pela moça, com uma atitude de ampará-lo. Percebi que ele não gostara da argumentação do preletor e, claramente, tinha vontade de ir embora. No entanto, ao levantar-se, como o idoso estava também com a boca meio torta e entreaberta, deixou escapar um pouco de saliva, que logo chegou ao tablado. O pregador, tentando distorcer a situação constrangedora em seu favor, perguntou ao ancião se ele havia chorado. O velho gesticulou veementemente em sinal negativo, pois não conseguia falar devido ao provável derrame que tivera. O palestrante queria confundir a plateia quanto à insatisfação daquele homem, mas tudo indicava que ele falhara neste propósito.

A seguir, retornei ao corpo com esta última imagem bem vívida em minha memória. Abri os meus olhos carnis e passei a pensar. Como havia sido interessante o detalhe sobre o ângulo pelo qual assisti a tudo! Eu estava logo acima do acontecimento, há cerca de cinco metros de altura. Não interfeiri em nada e ninguém parecia ter me visto. Até hoje não sei porque fui parar naquele local, a beira-mar, um ambiente incomum para uma pregação evangélica. Por isso, creio que tudo se passou numa dimensão energética próxima à física, e aquelas pessoas, como já aponte, deveriam ser desencarnados ou indivíduos projetados, presos a seus condicionamentos mentais terrenos.

DATA: 15/06/2007

RELATO 17 – A BARATINHA

Naquele dia, duas amigas vieram de longe, pois precisariam dormir em meu apartamento, já que participariam de um evento bem cedo, no dia seguinte, próximo ao meu bairro. Então, cedi meu quarto para elas. Peguei um colchonete e fui dormir na sala.

Quando deitei, já próximo à meia-noite, fiquei observando a porta de entrada da minha residência. Pensei que poderia entrar alguma barata, justamente naquela noite em que eu iria dormir junto ao piso. Logo afastei este pensamento, que não era muito positivo, e passei a realizar um exercício projetivo. No entanto, estava cansado e logo caí no sono.

Em algum momento da madrugada, desliguei-me do corpo com lucidez. Estava próximo da porta de entrada do apartamento, olhando para o chão. Então, de repente, uma pequena sombra

se deslocou rapidamente, por baixo da porta, para dentro da minha residência, logo sumindo de minha visão. Não identifiquei exatamente o que era de fato, mas pensei: “Poxa, entrou uma barata em meu apartamento! Mas, ela é pequena! É só uma baratinha!” Na sequência, perdi a lucidez, ou simplesmente não pude rememorar o restante da experiência fora do corpo. É importante destacar que, ali na entrada do apartamento, eu estava bem próximo ao meu corpo físico no colchonete. Isto pode ter contribuído para eu perder rapidamente meu estado lúcido, ou posso ter me reacoplado subitamente, sem maior tempo livre no Astral.

Pela manhã, ao levantar-me, ainda recordava do evento extrafísico. Após meus primeiros passos, estaquei com surpresa. Lá estava a baratinha morta, a três metros do meu colchonete. Então, lembrei-me da dedetização que eu fizera, há algumas semanas, na minha residência. O veneno utilizado tinha ação prolongada por cerca de seis meses, e, por isso, o inseto entrou de madrugada, para estar morto algumas horas depois. Assim, constatei a veracidade da minha experiência fora do corpo. Achei bastante interessante que eu pude discernir, na penumbra do local, que a sombra que cruzara o limiar do apartamento, pelo seu tamanho reduzido, fosse apenas um filhote de barata, apesar dela passar muito rapidamente para dentro, saindo do meu campo visual. Este tipo de vivência, embora curta, tem um significado importante para mim, pois o interpreto como uma comprovação pessoal do fenômeno da viagem astral.

DATA: 20/09/2008

RELATO 18 – AUXÍLIO E SONOLÊNCIA NO ASTRAL

Numa determinada noite, resolvi fazer um exercício bioenergético. Em pouco tempo, já sentia o característico “formigamento” pelo corpo. No entanto, perdi a consciência.

Mais tarde, encontrei-me no Plano Extrafísico junto com minha mãe, desencarnada já há 19 anos atrás. Estávamos visitando o antigo prédio, onde moramos por muito tempo, e de onde me mudei alguns anos após o falecimento material de meus genitores. Lá, próximo à entrada de um apartamento de uma vizinha de outrora, a Sra. Carmem, encontramos com a própria. Eu sabia que ela havia desencarnado há cerca de dois meses, por intermédio de um amigo que residia no referido prédio.

Eu e minha mãe cumprimentamos a Sra. Carmem, falando-lhe em seguida, que seríamos

vizinhos dela novamente. Ela sorriu, satisfeita com a notícia. Logo raciocinei que ela, mesmo desencarnada, ainda estava no apartamento onde residira materialmente por mais de 50 anos. Provavelmente não percebera que havia perdido o corpo físico. Lembrei-me, neste momento, que depois que retornasse ao meu corpo denso, deveria anotar aquela experiência em andamento. Em seguida, despertei em minha cama, lembrando tudo o que foi possível, passo a passo. Compreendi que minha mãe e eu talvez tenhamos ido ali, para ajudá-la de alguma forma. Ainda deitado em meu leito, concluí que o meu grau de lucidez não foi dos melhores, mas foi o suficiente para entender o encontro e a situação. No entanto, não levantei-me para fazer o registro da vivência em papel, pois temi perder o sono totalmente. Mirei o relógio, que marcava 4:30 h da madrugada.

Fiquei deitado e tentei relaxar para dormir, pois no dia seguinte teria que chegar cedo ao trabalho. Peguei no sono, mas a minha mente não desligou-se da viagem astral que tivera com minha mãe. Eu desejava não esquecer a experiência.

Uma vez no Plano Extrafísico novamente, busquei a minha amiga Tetê Souza, com a intenção de relatar o ocorrido. Na casa dela, eu contava animadamente os fatos, mas a minha amiga tinha dificuldade de manter-se lúcida no Astral, naquela oportunidade. Alguns trechos ela ouvia atentamente, mas, logo em seguida, seus olhos iam se fechando. Cada vez que ela parecia que iria dormir em pleno Astral, eu dava uma sacudida em seus ombros. Então, ela arregalava os olhos e passava a prestar atenção a minha história, mas não conseguia manter-se alerta. E tudo se repetia novamente, tendo eu que intervir para chamar a sua atenção. Este “vai e vem” ocorreu por cerca de três vezes, até que eu retornei ao meu corpo.

Embora muitos projetores tenham uma consciência flutuante no Mundo Sutil, não me conformei com a situação da Tetê Souza naquela vivência. Como eu estaria junto a ela, no próximo final de semana, resolvi que lhe indagaria sobre o acontecimento. E assim fiz, perguntando-lhe se havia se projetado na madrugada entre os dias 18 e 19 de dezembro. Minha amiga respondeu que, na noite citada, tivera uma insônia até 1:00 h da madrugada, quando resolvera tomar um comprimido de um calmante, pois precisava ir trabalhar no dia seguinte, necessitando pelo menos de algumas horas de sono. Então, fiquei deveras surpreso. Ela ficou dopada nos dois níveis: tanto fisicamente, como em seu corpo astral. Isto me fez recordar que, anos atrás, tomei um remédio antes de dormir, que também me deixou muito sonolento no Astral.

DATA: 19/12/2008

RELATO 19 – TRANSFORMAÇÃO PERISPIRITUAL E CONFRONTO

Dois dias após uma sessão mediúnica de trabalhos em meu Grupo Espiritualista, realizei uma viagem astral que parecia ter relação com a referida sessão, que fora vibratoriamente “densa”. Não é raro, no caso de médiuns em franca atividade, esse tipo de situação ocorrer. Ou seja, depois de uma reunião onde as atividades foram “pesadas”, acabam por ocorrer vivências fora do corpo nos dias posteriores, no intuito de complementação dos trabalhos mediúnicos.

Inicialmente, o que recordo da experiência, é que eu estava num lugar amplo, onde ocorria uma grande festa. Havia muitas mesas e convidados, “comes e bebes” em pleno Mundo Astral, o que denotava a densidade energética do lugar, bem como os condicionamentos terrenos de mentalidade dos participantes, quer eles fossem encarnados projetados ou desencarnados. A agitação era intensa e eu me sentia um “estranho no ninho”. Não sabia como tinha chegado até ali, sentindo-me também como um “penetra”. Eu procurava, de quando em quando, parar em algum canto menos agitado do ambiente, para buscar maior compreensão da situação. Mas, quase que invariavelmente, percebia olhares pouco amistosos sobre mim.

Num dado momento, passei perto de um rapaz que achou que eu o provocara, por quase ter pisado em seu pé. Tentei colocar que aquilo fora apenas uma impressão dele, pois eu, na realidade, não tivera intenção de provocá-lo. Contudo, ele não aceitava meus argumentos. Levantou-se em seguida de sua cadeira, para vir tomar satisfações mais de perto, ou brigar de fato comigo. No entanto, antes que ele se aproximasse mais de mim, ocorreu uma grande confusão perto de nós. Acabara de começar uma briga, com socos e pontapés que se generalizavam rapidamente. Aproveitei a oportunidade e evadi-me do local, alcançando o lado externo, uma rua mal iluminada.

Uma vez na rua, pude raciocinar melhor, alcançando maior lucidez. Constatei que a localidade era “barra pesada”. Caminhei pela via e notei, mais à frente (há cerca de 100 metros), que vinha um estranho veículo preto, semelhante a uma picape, mas com linhas aerodinâmicas curvas e arrojadas, diferente de outros veículos de quatro rodas terrenos. Parecia que possuía uma espécie de blindagem e seus vidros eram escuros como a “lataria”. Logo senti que seus ocupantes não deveriam ser amistosos, pois o veículo trafegava lentamente, como se estivesse patrulhando aquela região. Então, entendi que deveria me apresentar com uma aparência mais rude, conforme a vibração do lugar sugeria. Comecei a correr, inicialmente a baixa velocidade, na direção do veículo, de modo que passaria ao seu lado. Procurei demonstrar autoconfiança e familiaridade com o ambiente circundante. Logo em seguida, abaixei a aba do boné que eu estava usando, de modo a

esconder o meu rosto. Como não fiquei satisfeito, alterei o tamanho da aba do boné, plasmando algo mais comprido, o que cobriu totalmente a minha face. Após esta atitude, aumentei a minha velocidade, finalmente cruzando com o veículo, que não me importunou. Continuei correndo, após olhar furtivamente para a estranha “picape”, pela lateral. Ela seguia lentamente. Assim, prossegui na intenção de apresentar-me com uma forma mais rude, resolvendo alterar radicalmente o meu perispírito. Acelerei a corrida, naquela longa rua obscura, abaixei a minha cabeça e mentalizei fortemente uma aparência primitiva/animalesca. Eu vestia um comprido casaco negro, que se estendia até os joelhos. Logo passei a sentir meu rosto astral formigar, de forma semelhante ao estado vibracional (EV) quando estamos fazendo um exercício projetivo. Aumentei minha velocidade no trajeto e a via estava deserta agora. Enquanto isso, minha face se transformava (sentia pelos eclodindo através da superfície) e o restante do meu corpo astral se avolumava. Eu pensava em me transformar praticamente num bicho, de maneira que a minha aparência intimidasse qualquer potencial agressor daquela área. E eu corria em alta velocidade, emitindo sons guturais através da minha garganta astral. Depois de momentos, sentia que a transformação estava completa. Meu rosto estava cheio de pelos e eu devia ter em torno de dois metros de altura. Estava “recheado” de “músculos” e creio que parecia com o lendário lobisomem.

Permaneci correndo por um tempo e intuí que atrairia alguém, para uma espécie de combate ou captura. Quando avistei determinado prédio, entendi que deveria entrar ali. Cruzei desabaladamente a portaria, que estava desguarnecida, percorrendo extenso corredor e parando quase no seu final, que terminava numa porta. Então virei-me, aguardando um provável perseguidor. Naquele instante eu estava certo de que cumpria um tipo de missão mais densa. Esperei por momentos um tanto tensos, olhando fixamente a portaria, que tinha fraca iluminação. Em seguida, entrou uma pessoa toda vestida de negro, que corria em minha direção. Mas, em dado ponto do trajeto, desviou lateralmente, subindo por uma escadaria que dava para um andar superior do prédio. Porém, na breve fração de segundo antes da pessoa direcionar-se à escada, ela descobriu o seu rosto, permitindo-me ver que era uma mulher. E eu soube, por um mecanismo puramente intuitivo, que ela é que tinha sido a “isca” para a entidade que eu devia combater.

Agora eu já havia voltado a minha forma humana natural, restando-me aguardar mais uns instantes, até que surgisse o potencial agressor. Isto não demorou. Ele chegou lá na portaria e, vendo-me ao fundo do corredor, partiu na minha direção. Era um homem trajado todo de uma roupa negra. Um fato interessante, é que eu tinha ciência da habilidade do “adversário” em mudar de forma, como eu também podia fazer. Assim, mentalmente, eu desejava: “Venha na forma humana! Venha na forma humana, que eu vou te pegar!” No entanto, conforme ele corria na minha direção,

alterou-se radicalmente, reduzindo-se a algo parecido com uma forma-pensamento, no formato de uma estrela negra, do tamanho aproximado de minha mão. Isto me frustrou muito, pois eu tencionava “lutar corporalmente”, de maneira a imobilizá-lo, já que nós projetores podemos contar com uma “força extra”, proveniente da vitalidade do corpo físico. Mas, ele não era nada bobo e, devendo ter ciência da minha condição de projetor, evitou um combate direto. Voltando ao confronto, ele ou “aquilo” (a estrela escura) acabara de passar por baixo das minhas pernas. Pensei rapidamente que ele desejava parasitar-me de algum jeito. Assim, virei-me quase instantaneamente, tentando capturar a estranha estrela, que driblava meus movimentos.

Percebendo a inutilidade de meus esforços, parei e passei a vibrar luz através de meu corpo astral. Preocupava-me “daquilo” acoplar-se a meu perispírito, iniciando um processo de vampirização ou parasitismo. Assim, mentalizei espirais de luz percorrendo minhas pernas, desde os pés, para cima, até que todo o meu corpo astral ficasse luminoso. Por fim, projetei um fecho de luz pelo meu chacra coronário, para o alto. Em seguida, despertei na minha cama. Eram 3:30 h da madrugada.

Bem, até hoje não sei ao certo o que aconteceu com a entidade inamistosa descrita acima. Uma das hipóteses é que aquele ser transformou-se naquela pequena estrela obscura, na tentativa de parasitar-me ou escapar ao confronto. Isto é algo estranho para a minha mente encarnada, mas não acho impossível. No entanto, creio mais que a entidade transportou-se para um outro local umbralino, deixando apenas uma forma-pensamento (a estrela negra) para atingir-me de alguma maneira. Este meio de deslocamento no Astral (transporte instantâneo, pelo uso da vontade/mente) é possível para alguns espíritos com um conhecimento maior sobre os mundos extrafísicos.

DATA: 27/04/2009

RELATO 20 – FALANGE OBSESSORA

Dois dias antes da experiência que vou relatar, eu e alguns médiuns do meu Grupo Espiritualista fizemos uma reunião de trabalho, para auxiliarmos a duas pessoas: uma menina e uma jovem grávida. A sessão transcorreu bem, com a limpeza bioenergética de ambas, sendo possível perceber que havia uma negatividade significativa incomodando as duas. Na primeira noite após à

tarefa mediúnica, dormi um sono pesado e desagradável, onde nada pude rememorar, senão sonhos confusos. Despertei meio cansado e passei boa parte do dia com algum mal estar.

Na segunda noite após o trabalho mediúnico, ocorreu uma viagem astral reveladora. Eu estava num lugar que não tinha muita claridade, quando surgiu um homem que me acusou: “Você matou o meu patrão!” Mirei bem o seu rosto, percebendo nitidamente os detalhes. Seus olhos eram castanhos escuros, o rosto sem barba e possuía um queixo longo. Os cabelos eram negros, lisos e curtos. Respondi-lhe que não havia matado o “patrão” dele. Ele avançou em minha direção e eu recuei. Então notei que, atrás dele, vinham outros indivíduos, que calculei serem “subordinados” ao tal “patrão”. Agora, vários me acusavam e diziam que iam me pegar. Queriam vingança. Mas, vingança de quê? Um assassinato? No Astral? Apesar de minha lucidez não ser das melhores, percebi que eles eram seres de pouco entendimento espiritual (desencarnados com condicionamentos mentais tipicamente terrenos). Senti-me acuado pelas acusações sem sentido e fui recuando, ao mesmo tempo em que eu lhes falava que não havia matado ninguém. Porém, um dos acusadores alcançou-me, logo agarrando-se as minhas costas. Ele passou os dois braços pelo meu pescoço e as pernas pelo meu quadril. Estava acoplado como uma mochila em minhas costas, com o intuito provável de me retirar as energias e/ou atrapalhar a minha fuga.

Contudo, eu sabia onde poderia me refugiar. Corri com a entidade firmemente agarrada nos meus costados. Apesar dele estar ali, acoplado, isto não diminuiu muito a minha capacidade de deslocamento, pois eu, obviamente, estava usando as reservas bioenergéticas do corpo denso. Esta é uma vantagem significativa que nós projetores temos, em relação a desencarnados em desequilíbrio. E eu corria, com os demais no meu encalço, que continuavam com a ladainha acusatória. Depois de um breve tempo de fuga no solo, entrei num prédio e subi pelas suas escadarias, até chegar à porta de um apartamento de determinado andar. A porta se abriu automaticamente a minha chegada, pois telepaticamente já sabiam do que se passava comigo. Entrei apressadamente com a entidade grudada nas minhas costas. A porta logo se fechou atrás de mim. No apartamento estavam minha mãe desencarnada (há 20 anos) e meu irmão carnal projetado. Bem, aqui faço um intervalo na narrativa para explicar a situação. Minha mãe, em diversas oportunidades, eu constatara que participava de atividades de auxílio no Astral. Já o meu irmão, que tinha uma vida material mais focada em aspectos terrenos (estudos e trabalho), muito raramente se recordava de sonhos e menos ainda de experiências extrafísicas. Então, a visão que tive de meu irmão, seria uma distorção de rememoração de minha parte? Poderia ser. No entanto, algumas semanas antes desta atividade, o meu irmão se comunicara comigo através de uma ligação telefônica, me dizendo que recordava de estar comigo numa tarefa de cura. E eu, por minha vez, recordava a mesma situação, só que com

mais detalhes, ocorrida na mesma noite. Ou seja, o meu irmão tinha experiências extrafísicas, mas quase sempre não se lembrava delas.

Retornando ao relato presente, entrei com o ser agarrado a minhas costas. Logo em seguida, minha mãe e meu irmão empurraram a porta e a fecharam. Pude, ainda, ouvir aos outros que vinham em minha perseguição, bem de perto. Mas, estava livre deles. Eu entendia que aquela porta era intransponível energeticamente. Na sequência, despertei no meu corpo físico, o que deve ter se dado devido à tensão da fuga. Enquanto registrava tudo no papel, pude compreender que aquela atividade extrafísica era continuidade do trabalho mediúnico realizado dias antes. Também entendi que a entidade que viera agregada comigo ao “apartamento”, ficara aprisionada. Outra compreensão que tive, foi sobre a crença daqueles espíritos perturbados no assassinato do seu chefe. O que houve, de fato, basicamente foi o aprisionamento do “patrão” numa oportunidade anterior, com a minha ajuda (possivelmente durante a própria sessão mediúnica). Como o restante dos subordinados do “patrão” eram muito ignorantes, acreditavam que eu havia matado seu chefe, já que ele havia sumido.

DATA: 16/08/2009

RELATO 21 – RECUPERANDO A LUCIDEZ

Após retornar ao corpo material, logo depois da experiência relatada acima (“Falange obsessora”), rememorei-a passo a passo. Em seguida, fui beber um pouco de água e também fui ao banheiro. Retornei tranquilo a minha cama, pois, quando estou no meu estado mais lúcido, não temo a entidades obsediadoras. Assim, voltei a dormir.

Logo caí no sono e passei a sonhar. E foi um sonho longo, se é que posso dar uma medida de tempo adequada, onde eu buscava descobrir onde ficava uma rua, cujo nome não recordo mais. Entretanto, durante o onirismo eu perguntava às pessoas onde ficava tal via, mas, por mais que procurasse, não chegava nela. Além disso, eu carregava duas sacolas, uma em cada mão, me parecendo que haviam alimentos dentro delas.

A uma certa altura daquela busca, comecei a recuperar a lucidez. Aquilo não estava me agradando e eu começava a questionar o porquê de tudo: qual o objetivo de chegar àquela rua? Por quê eu estava tão ansioso? Qual o motivo para eu carregar aquelas sacolas? Ainda sem boa lucidez,

pensei que a situação que vivenciava, parecia ser uma forma de passatempo, mas que eu acabaria por retornar ao corpo físico.

Então, recuperei de fato uma condição lúcida. Olhei para as minhas mãos, onde estavam as sacolas, concluindo que tudo aquilo era ridículo. Rapidamente larguei tudo e disse para mim mesmo: “Eu vou voltar para o meu corpo agora!” Assim, fechei os meus olhos e desejei fortemente o retorno. Logo em seguida, reintegrei-me ao corpo denso, com um leve solavanco. Olhei ao redor da penumbra de meu quarto, ficando satisfeito em ter recuperado a consciência e o controle da situação. Concluí que eu provavelmente estivera flutuando próximo ao meu aparato material, enquanto sonhava em pleno Mundo Astral.

DATA: 16/08/2009

RELATO 22 – LUGAR DESAGRADÁVEL

Fui deitar-me cansado e logo adormeci. A noite transcorria de forma difícil, pois meu sono não era contínuo. Havia acordado por diversas vezes, com fragmentos de memória de possíveis experiências extrafísicas. Também lembrava de trechos de sonhos simbólicos. Por sorte, a cada vez que despertava, logo voltava a dormir. Não podia ficar com insônia, pois precisava trabalhar no dia seguinte.

Numa dessas “idas e vindas”, realizei uma viagem astral com boa lucidez e rememoração. Estava visitando um local, com muitos jovens que se assemelhavam aos chamados “meninos de rua” do Rio de Janeiro. Era algo como um casarão velho. Eles estavam deitados num grande cômodo, no piso, cobrindo-se com cobertores sujos, espalhados pelo ambiente.

Eu apenas observava a situação. Em certo momento, um deles, enrolado num cobertor de cor vermelho escuro, comentou num tom irônico: “É mais um daqueles visitantes gentis!” Em seguida, levantou-se com visível intenção de vir até a mim. Desconfiei de sua atitude. Algo nele me fazia entender que era uma entidade mais traiçoeira do que aparentava. Assim, dirigi-me para fora da construção, decidido a não manter um contato direto.

Uma vez no exterior, deparei-me com outro jovem de atitude não amistosa. Desta forma, tornei a entrar no casarão, com a ideia fixa de não interagir pessoalmente com os adolescentes. No interior da construção, que parecia ser um armazém abandonado, percebi que

outros haviam se levantado e que eu estava ficando cercado. Então, alcei voo na direção de uma janela, situada no alto de uma parede, a cerca de cinco metros do chão. Quando eles vieram atrás de mim correndo (pude ver com o canto dos olhos), eu já estava fora de alcance. No entanto, senti que poderia perder a capacidade de voar, se me sintonizasse com a vibração deles. Por isso, não olhei para trás, evitando qualquer conexão energética maior. Mantive o foco no voo em si, na direção da janela, estando ciente de que mesmo que não acertasse exatamente a sua abertura, sairia dali (eu acreditava que minha densidade perispiritual era menor do que a da parede do casarão).

E foi o que aconteceu, sem nenhuma espécie de “atrito”. Logo em seguida, despertei no corpo físico, entendendo que fizera bem em sair dali. Aqueles jovens não desejavam, de fato, sair da sua condição de indigência espiritual. Pareceu-me que eram desencarnados, ainda presos a seus hábitos terrenos. O relógio marcava quase 3:00 h da madrugada, mas, mesmo assim, registrei de imediato a experiência, temendo esquecê-la se deixasse para anotar pela manhã.

DATA: 23/02/2010

RELATO 23 – O GUARDIÃO AFRICANO

Estava ocorrendo um trabalho de antimagia no Mundo Extrafísico. Éramos quatro pessoas, dois homens e duas mulheres. Todos me pareciam ser encarnados projetados. Era evidente que estávamos na contraparte astral de um cemitério físico, pois era fácil notar as várias lápides e alguns mausoléus. Como eu não fora ali por conta própria, muito provavelmente havia a interferência da Corrente Astral de Umbanda, que com frequência me requisitava para algumas atividades, que necessitavam de minhas bioenergias.

Logo após constatar onde eu estava, percebi a presença sutil de um conhecido guardião (também denominado “exu”), permitindo a sua manifestação através da minha mediunidade, em pleno ambiente astral. Deste modo, minha lucidez reduziu-se, mas ainda pude manter um nível razoável de consciência. Eu supunha que, ali, haveria uma ação semelhante ao que na Terra se chama “descarrego” (transformação e eliminação de cargas negativas bem densas energeticamente).

A seguir, a entidade que controlava meu corpo astral falou, aos demais, para aguardarem um pouco. Então, chegou a médium e amiga Tetê Souza que, após entrar no cemitério e chegar-se a nós, também entrou num transe mediúnico. Através dela, um outro guardião manifestou-se,

passando a auxiliar na tarefa de “descarrego”. Notei, apesar da lucidez relativa pela qual passava, que a médium Tetê Souza, em transe, usava uma substância plasmada semelhante ao óleo de dendê. A entidade que a mediunizava, depois de alguns gestos, deu uma longa gargalhada. Neste momento, pude ver que os dentes de minha amiga estavam bastante alaranjados, pelo “óleo de dendê”. Pareceu-me que o “espírito incorporante” havia sorvido a substância, através do corpo astral da minha amiga. Logo em seguida ao término da atividade daquele guardião, a entidade que se utilizava de meu corpo perispiritual falou: “Obrigado Ol...ubá!” Então, creio que perdi a consciência, para, na sequência, despertar no corpo físico.

Contudo, ao abrir os olhos carnis em minha cama, pude rememorar relativamente bem o que narrei aqui, podendo destacar que o nome do guardião que usara a mediunidade de Tetê Souza, reverberava na minha mente. Prefiro não revelá-lo aqui, pois não tive autorização para isto. Mas, aquele nome, que eu julgava ser de origem africana, despertou a minha curiosidade. No dia seguinte, fiz uma pesquisa na Internet, usando uma possível grafia que supus do nome comunicado no Astral. Descobri que o termo, hoje em dia, é um sobrenome na Nigéria, país situado no Oeste da África.

DATA: março de 2010

RELATO 24 – CONVERSA NO ASTRAL SOBRE O PRANA

Uma vez tive uma experiência no Astral, quando estava com um grupo de pessoas amigas, conversando animadamente. Agora, enquanto escrevo este relato, não posso mais identificar quais eram exatamente os amigos presentes, com exceção de meu primo, que também é médium e estudioso de assuntos espiritualistas diversos. O assunto fundamental da conversa era “energia prânica”, também chamada “energia cósmica”, “força vital”, “ki”, dentre outros termos, que podemos definir genericamente como a energia que permeia todo o universo, e que sustenta a tudo, inclusive as formas biológicas materiais.

Naquele momento, meu primo explicava que nós, enquanto libertos do corpo físico, através do desdobramento espiritual, tínhamos maior facilidade de absorver energia prânica. No entanto, ele ressaltava a questão da entrada insuficiente desta energia, quando o indivíduo projetado ainda mantinha certos bloqueios emocionais e bioenergéticos, característicos do estado de vigília da

pessoa no seu dia a dia terreno. Em outras palavras, ele assinalava que este tipo de pessoa em desequilíbrio, ainda que estivesse projetada, nem sempre conseguia absorver prana suficiente. A seguir ele concluiu que, desta maneira, o indivíduo voltava ao corpo com uma deficiência energética, ou “fome espiritual” (achei curioso este termo que ele usou).

Enquanto meu primo fazia a sua breve explicação, a qual eu prestava bastante atenção, notei que seria relevante apresentar uma complementação a sua fala. Então, percebendo que ele não prosseguiria, pedi a palavra. Coloquei que há casos em que uma pessoa projetada, com algum desequilíbrio, pode absorver a quantidade suficiente de energia prânica no Mundo Extrafísico. Porém, este indivíduo, devido a seus bloqueios emocionais, não permite que o prana circule corretamente por todas as partes do seu corpo astral. Assim, concluí que um homem ou mulher, nesta situação, embora tenha capturado um volume substancial de prana para a manutenção de sua saúde física, ao retornar ao corpo denso mantém algum desequilíbrio, pois a circulação desta energia não é adequada.

Em seguida, despertei em meu leito. Nada mais pude rememorar, mas aproveitei o ensejo para chamar a atenção para a nossa forma de comunicação. Pareceu-me que o tempo todo estávamos trocando ideias através da fala comum terrena, ao invés da comunicação telepática, que é bastante frequente no Astral. Quanto a isso, creio que há hipóteses plausíveis. Em alguns casos, dependendo da vibração com que nos manifestamos no Astral, poderemos travar uma comunicação através da fala ordinária, correspondentemente aos nossos condicionamentos mentais terrenos. Por outro lado, nesta experiência que relatei, talvez estivéssemos nos comunicando pela via telepática, mas eu tenha passado por uma distorção de rememoração dos fatos vivenciados.

Quanto ao prana, apenas faço um adendo àqueles que nunca leram nada a respeito. Saliento que a assimilação desta energia sutil se dá o tempo todo, e não só quando estamos projetados. Os iogues de várias correntes, por exemplo, afirmam que nós não sabemos respirar corretamente no nosso dia a dia material. Através de treinamentos específicos, eles colocam que uma respiração correta facilita a absorção prânica adequada, favorecendo a manutenção de um bom estado de saúde e harmonia no viver.

DATA: 10/10/2010

RELATO 25 – UM SUICIDA?

Eu tinha passado uma semana difícil. Dormi mal em algumas noites. Acordava, pela manhã, com dores pelo corpo. Durante o dia, tive períodos de tonteira e mau humor. No meu ambiente de trabalho, tudo o que realizei, foi com certo sacrifício.

Na sexta-feira fui à casa de Tetê Souza, médium amiga, que logo após ter contato comigo, declarou não estar se sentindo bem. Ela queixou-se de uma dor de cabeça e, inclusive, que passou a ter vontade de vomitar. Então, resolvemos lançar mão de um banho de ervas (que auxilia na limpeza de miasmas astrais, por exemplo) e realizamos algumas orações, na busca de uma “força extra” da Espiritualidade. Após isso, houve uma melhora significativa nos sintomas, possibilitando uma noite de sono com maior qualidade.

Logo que deitei-me, adormeci. Na madrugada, levantei-me brevemente para beber água. Voltei a dormir e, involuntariamente, projetei-me. Estava lúcido numa localidade, onde podia ver um senhor idoso, no alto de um poste de iluminação pública, bradando que iria se jogar. Ele queria se matar. A cena era inusitada. Como aquele homem, que aparentava ter cerca de 80 anos terrenos, chegara até ali? Somente no Astral aquilo seria possível (ou minha mente me pregava uma peça).

Bem, logo surgiu um homem de meia idade, o qual eu sabia ser uma espécie de “prefeito” do lugar, que se dispôs, ele mesmo, a dialogar com o ancião e mudar a sua vontade de se suicidar. Houve sucesso na empreitada, embora eu não recorde exatamente como o velho fora retirado do poste.

Em seguida, o idoso foi trazido até a mim. Ele estava muito triste e com uma aparência de esgotamento. De perto, notei que era completamente calvo. Sua pele trazia manchas avermelhadas, como se tivesse apresentado anteriormente feridas que se cicatrizaram, cujas cascas já tivessem caído. Então, automaticamente, perguntei-lhe: “O senhor já ouviu dizer que a felicidade não é deste mundo?” A minha pergunta retirou o homem de seu estado de torpor, que rapidamente desmanchou-se em lágrimas. Fiquei quieto por um tempo, permitindo-lhe chorar um pouco mais. A seguir lhe transmiti que, embora a vida não seja fácil, podemos reduzir as dificuldades através de escolhas mais inteligentes.

Na sequência, já refeito de suas lamentações, a entidade aceitou acompanhar-me. Levei o ancião até dois homens de pele clara e fisionomias um tanto “fechadas”. Estes seres sisudos compreendi que eram guardiões da Corrente Astral de Umbanda. Apresentei a eles o idoso, que agora estava mais colaborativo, aceitando ir com os guardiões até um local adequado para a sua

recuperação. Despertei logo depois.

Então, tracei duas hipóteses para a situação. Na primeira, seria possível que o velho homem havia se suicidado, mas não sabia que havia falecido de fato. Portanto, ainda desejava se matar. Na segunda hipótese, o idoso deveria ter ideias suicidas, mas havia desencarnado por alguma doença e não sabia. Neste caso, acreditando-se vivo na matéria, mantinha a vontade de acabar com a própria vida, em pleno Astral. Não sei exatamente o que ocorreu com aquele ser humano, mas percebi que fora ele que havia me acompanhado durante aquela semana difícil, que narrei no início deste relato. Suas energias e sentimentos desequilibrados causaram-me grande desconforto, mas espero que toda essa ocorrência traga um final feliz para ele, mais à frente em sua jornada.

DATA: 11/12/2010

RELATO 26 – O CABOCLO

Num determinado dia, no início de 2011, fui deitar-me sem qualquer intenção de projetar-me. Para minha surpresa, em certo momento da noite, estava lúcido no Astral e fui abordado por uma entidade da corrente umbandista. Era um antigo conhecido de minha parte e ele logo me disse: “Vou levar você para conhecer a minha casa!”

O guia espiritual apresentava-se como um índio, chamado na Umbanda de “caboclo”. Eu atuara mediunicamente com ele por alguns anos. Embora eu estivesse afastado dos trabalhos espiritualistas desta linha, por um tempo significativo no Plano Terreno, no Mundo Extrafísico as atividades continuavam.

E ele, o caboclo, me conduziu até um lugar montanhoso. Logo adentramos uma ampla caverna. Não recorro agora, enquanto transcrevo este relato, como chegamos até a localidade. Aliás, no Astral, já percebi quatro formas diferentes de deslocamento até hoje: o voo ou volitação; o simples caminhar, como fazemos no Mundo Material; a movimentação através de saltos (maiores ou menores conforme a relação entre as “densidades energéticas” do corpo astral e do ambiente circundante); e uma locomoção instantânea, onde simplesmente pensamos num lugar e, de imediato, lá estamos. Bem, como comentei, no caso deste “passeio” com o amparador da Umbanda, não pude lembrar claramente de que forma se deu o deslocamento, mas desconfio de que foi um traslado instantâneo.

Uma vez dentro da grande caverna, vi que uma tribo inteira estava ali. Havia pessoas com várias idades aparentes, homens e mulheres, crianças também. Pude observar seus apetrechos, como cuias e vasos, dentre outros, e até notei os restos apagados de uma fogueira. Eu caminhava pelo local muito admirado, e ao mesmo tempo feliz por estar na companhia daquele guia e amigo espiritual. Não é possível dimensionar o tempo que permaneci naquele ambiente. Recordo que conversei com o caboclo, mas o conteúdo da prosa já escapou da minha memória.

Quando retornei ao corpo denso, estranhei a experiência, pois não fazia sentido para mim que, aquelas entidades, ainda mantivessem no Astral o estilo de vida que tiveram na Terra, num passado já relativamente distante. Após algum tempo meditando, concluí que, possivelmente, o caboclo me possibilitou o acesso aos chamados “registros akáshicos” (conjunto de fatos ocorridos ao longo da história, que ficariam armazenados no Mundo Espiritual ou “Éter”). Talvez ele tivesse feito isso, de maneira que eu compreendesse um pouco de sua origem, e porque usava ainda uma aparência indígena.

Mais tarde, realizei uma busca na Internet e encontrei artigos sobre a existência pretérita de tribos de índios, no Sul do Brasil, que viviam em cavernas. Meses depois, acabei por assistir a documentários sobre etnias indígenas da América do Norte, que também viviam em cavernas, no passado. Qual a origem do meu amigo caboclo? Não sei ao certo, mas recordo de um dos pontos cantados (cânticos de Umbanda), que a entidade entoava, no qual parte da letra dizia: “... eu moro num lajedo...”. E lajedo significa pedra ou rocha de superfície plana, ou seja, ele já assinalava, por inúmeras vezes, enquanto incorporado, que habitara em localidade rochosa (a caverna que pude vislumbrar no Astral).

DATA: janeiro de 2011

RELATO 27 – RESGATANDO ENTIDADES

As experiências com voos realmente estão entre as mais emocionantes e prazerosas. E esta foi inusitada, devido às circunstâncias adversas. Embora neste caso a minha capacidade de rememoração não tenha sido das melhores, ela foi o suficiente para este interessante registro.

Há poucos dias atrás, tive a chance de retirar alguns desencarnados de uma região de baixa vibração do Astral. Porém o que foi novidade para mim, nesta oportunidade, é que foi

possível retirar cada pessoa, uma por vez, através da volitação (deslocamento através da flutuação). Agora, não sei mais o número exato, mas foram cerca de 4 ou 5 indivíduos. O que ficou bem marcado na minha memória é que eu pedia para cada um olhar para o céu, onde era possível ver as estrelas. E eu dizia para eles apenas se concentrarem nas estrelas. Isto era o que eu fazia também, após segurá-las pelos ombros. Olhava para o alto, esquecia as condições ruins do ambiente, concentrando-me fundamentalmente nas estrelas. Desta forma, pude alçar alguns voos bem rápidos para cima e para frente, realizando uma parábola e pousando a uma grande distância do ponto original, com um dos desencarnados, de maneira a deixar para trás um bloqueio feito por entidades inamistosas. Estas não queriam que houvessem resgates.

Recordo também que, uma das pessoas que tentei levar pela volitação, não me possibilitou um voo satisfatório. Ela estava mais aflita e temerosa que os demais. Então, tivemos que completar o trecho de fuga, nos deslocando "a pé". Neste percurso, outro fato interessante aconteceu. Alguém me avisou que um dos indivíduos que deveria ser resgatado, fora retido pelos seres mais desequilibrados do lugar. O que foi mais curioso, é que logo que recebi o aviso, automaticamente tive uma vidência e pude enxergar com clareza, na minha tela mental, que os assediadores haviam cercado um dos candidatos à libertação, e o estavam intimidando. No entanto, aquilo não me perturbou, pois eu, de alguma forma, sabia que a situação era contornável. E pensei, concluindo: “logo que eu levar este, volto lá para retirar o outro”. No entanto, a memória das atividades não foi completa. O conteúdo desta narrativa foi tudo o que registrei na minha mente consciente.

Por fim, vale a pena deixar bem frisado que, em todas as outras experiências que tive fora do corpo, com rememoração, nunca havia acontecido de eu poder retirar desencarnados de lugares “densos energeticamente”, através da volitação.

DATA: fevereiro de 2011

RELATO 28 – PROJEÇÃO DURANTE MEDITAÇÃO

Entre o final de 2010 e o início de 2011, comecei a me aprofundar no assunto “meditação”. A partir de janeiro de 2011, iniciei uma prática regular de uma modalidade meditativa, com o objetivo básico de viver melhor no meu dia a dia. Logo nas primeiras semanas de atividade

de meditação, percebi efeitos bastante positivos.

Em fevereiro do ano em tela, numa sessão meditativa que fazia à noite, sentado de pernas cruzadas em minha cama, tive uma experiência projetiva parcial inesperada. Durante o processo, ali, de olhos fechados, senti nitidamente meus braços astrais (também denominados para-braços) totalmente soltos. Eles flutuavam, fazendo movimentos involuntários sutis. A sensação foi muito interessante, sendo acompanhada de uma certa perda de sensibilidade nos braços físicos, que descansavam sobre o meu colo. Aliás, da cintura para baixo, havia um razoável torpor no meu corpo material.

Logo desviei minha atenção do fato, pois meu objetivo, naqueles momentos, era a prática meditativa em si. Desta forma, rapidamente meus para-braços se reencaixaram nas suas respectivas contrapartes físicas. Após alguns minutos, terminei a sessão e resolvi anotar o acontecimento.

Bem, gostaria de comentar que sempre achei algo difícil, alguém projetar-se conscientemente, enquanto seu corpo estivesse sentado. Não que eu duvidasse da possibilidade, mas acreditava que isto seria um forte empecilho para uma experiência extrafísica. Depois desta minha viagem astral parcial, começo a crer mais intensamente que talvez não seja algo tão difícil de se conseguir, sobretudo se o indivíduo estiver sentado confortavelmente, sem o perigo de que o corpo material tombe, durante o processo.

De qualquer maneira, desejo deixar registrado que, de uma forma geral, os diversos métodos meditativos não têm como meta fundamental facilitar experiências fora do corpo (EFCs). Os objetivos das meditações tradicionais são outros. No entanto, quando ocorre o fenômeno da EFC durante uma meditação, a experiência se dá como consequência natural do estado de relaxamento atingido. Esta é a razão pela qual muitos aspirantes a projetores se dedicam às práticas meditativas, que não era o meu caso, naquele período da minha vida.

DATA: 16/02/2011

RELATO 29 – “PUXÃO DE ORELHA”

Eu estava no meu trabalho material, quando recebi um telefonema. Avisaram-me que deveria descer à portaria, para conversar e esclarecer a dúvida de uma pessoa. Era um professor

universitário aposentado, que eu conhecera no próprio ambiente de trabalho, anos atrás. Cumprimentei-o, apertando a sua mão, e passei a ouvi-lo. Após ter “trocado ideias” com ele por cerca de 20 minutos, peguei o elevador, voltando ao meu posto de trabalho. Agora, eu estava com uma dor de cabeça incipiente, na base do crânio, junto ao pescoço. Durante o próprio diálogo com o professor, já sentira uma forte pressão nesta região, logo depois do cumprimento. No resto da tarde, fiquei com o desconforto daquela dor, que crescia paulatinamente.

Fui para casa e a dor continuou, mesmo após o banho e a refeição noturna. Deitei-me neste estado, acreditando que a possível “carga bioenergética negativa” que teria absorvido do professor, pudesse ser transmutada durante o sono (outras vezes procedi assim, em situações semelhantes, com sucesso). Possivelmente, ele estava acompanhado de algum desencarnado desequilibrado, pois o aposentado, pesquisador de reconhecido sucesso em sua área, apresentava uma certa confusão mental, que constatei durante a conversa. Bem, esta não era a primeira vez, nem seria a última, que eu teria assimilado “energias deletérias” de outras pessoas, neste percurso mediúnico-cármico da minha vida.

Adormeci rapidamente. Foi uma noite conturbada, com pesadelos e vários despertamentos. Em algum ponto da madrugada, projetei-me. Estava caminhando por região sombria, tentando resolver algo. Era uma típica localidade umbralina, com predominância de névoa por todos os lados. Após um lapso de memória, recordo que estava em outro ambiente menos denso energeticamente, onde três entidades (duas masculinas e uma feminina) me davam um “puxão de orelha”. Não lembro exatamente de todas as palavras, mas uma frase que ficou bem registrada foi: “Você não pode ir àquele tipo de lugar, sem um de nós!”

Em seguida, retornei ao corpo. Mas, logo peguei no sono novamente. Não demorei a me projetar e, desta feita, aparentemente voltei a mesma área umbralina, com toda aquela névoa, mas estava acompanhado por uma entidade amiga. Eu caminhava com um menino de idade aparente entre cinco e seis anos. Ele era branco, tinha olhos azuis e cabelos cacheados loiros. Íamos pelo meio da penumbra, sendo que ele estava a minha direita, com um semblante bastante sereno. Eu sabia que agora iria resolver a questão pendente naquela região. No entanto, provavelmente pela própria densidade energética do local, tive dificuldades de lembrar o restante da experiência.

No dia seguinte, após os afazeres normais da manhã, lembrei-me de uma viagem astral que realizara ao Umbral, em outra oportunidade, anos atrás. Foi uma tentativa de ajudar a um amigo, que passava por várias dificuldades. E naquela vez eu retornara ao corpo com grande desgaste energético e sintomas físicos desagradáveis (fraqueza, tonteira e náuseas). Por sorte, era dia de eu ir a uma sessão espiritualista, onde o problema foi sanado. Cabe comentar que, naquela

reunião, nenhum médium sabia da minha experiência ruim no Astral. Lá, um guia da Umbanda incorporado veio falar comigo, advertindo-me de que eu não deveria ir em certas regiões umbralinas, para resolver questões, sem o auxílio de entidades guardiãs. Naquele dia, eu constatei que ser voluntarioso demais nos submundos astrais não é atitude muito inteligente.

Voltando ao relato original e finalizando-o, chamo a atenção para o meu acompanhante na experiência em tela: o espírito na forma de um menino. Algumas entidades usam aparências surpreendentes no Astral, e aquele amparador apresentou-se como um garoto angelical. Normalmente, seres que trabalham no Umbral usam formas mais intimidantes ou sisudas. Contudo, recordei-me deste mesmo amparador com aparência de criança, que havia me ajudado, anos atrás, numa outra incursão em localidade umbralina. Não era a primeira vez que ele atuara deste jeito, um tanto original.

DATA: 23/02/2011

RELATO 30 – PEDIDO DE AJUDA

Eu passava o final de semana na residência da amiga Tetê Souza. Durante a noite, tive uma experiência bastante inusitada, mesmo sem ter realizado qualquer exercício projetivo. Após adormecer, encontrei-me com o pai do meu amigo Néelson Vilhena (dirigente do centro espiritualista ao qual me dediquei por mais tempo). Eu não havia conhecido o pai do Néelson no Mundo Físico, pois já era falecido há cerca de 35 anos. Ele desencarnara próximo aos 70 anos de idade.

Eu estava com ótima lucidez, enquanto conversava com o desencarnado, que se identificou para mim logo no início do encontro (tive a sensação de que já o conhecia desde uma outra época). Podia perceber detalhes nítidos do local onde dialogava com ele. Era um quarto pequeno e simples, mas muito bem arrumado, com uma cama, um armário e uma pequena mesa.

A entidade apresentava-se com uma aparência idosa, provavelmente a maneira como ele havia desencarnado. Parecia estar psicologicamente ainda um tanto preso a sua última personalidade terrena, apesar dos anos em que já habitava no Astral. Ele comunicou que estava bem ali, naquele lugar, porém desejava ir para um plano um pouco mais elevado. Era uma aspiração dele, mas, por conta própria, não conseguia ascender a um ambiente mais sutil. Desta forma,

compreendi que o genitor de Néelson Vilhenna habitava uma colônia espiritual com vibração próxima ao Mundo Material.

Após o breve diálogo, busquei o próprio Néelson, ainda no Plano Extrafísico, para esclarecer a questão. Consegui meu intento, encontrando-me com o Néelson e sua esposa (Mariana), ambos projetados lucidamente em outra localidade. Trocamos ideias, nós três, e a Mariana comentou que muitos anos atrás, intuía que seria necessário algum trabalho especial ou corrente de orações, em benefício do pai de Néelson. No entanto sua sugestão, à época, não fora concretizada.

Em seguida, despertei no leito fortemente impactado pelo realismo de tudo que vivenciei. Era madrugada. Repassei mentalmente os fatos e voltei a dormir. Pela manhã, ainda rememorava a experiência, achando-a muito curiosa, pois eu não conhecera o pai de Néelson aqui na Terra, nesta vida. Como estava na residência de Tetê Souza, compartilhei a vivência com ela. Minha amiga ficou um tanto assombrada com o meu relato, e eu não entendi o porquê. Mas, ela me explicou. Tetê falou que estava costurando, há algum tempo, com uma máquina bem antiga que pertencera ao pai de Néelson. A máquina, que estava encostada na casa do Néelson, fora doada a ela. Como Tetê Souza estava muito satisfeita com a robusta máquina, ela assinalou que vinha agradecendo mentalmente ao pai do Néelson, pelo seu zelo na conservação do objeto, enquanto encarnado. Assim, durante aquela semana toda, ela pensava no antigo dono do aparelho, mesmo não tendo conhecido ele pessoalmente. Com esta informação, entendi porque ocorreu a projeção onde pude encontrar-me com aquele espírito. O elo mental criado entre a Tetê Souza e a entidade, devido à máquina de costura, foi o estopim para o fenômeno.

Resolvi aprofundar-me no assunto e, à noite, liguei para o Néelson Vilhenna, contando-lhe o fato. Ele me informou que sua filha, a Rosa (neta da entidade com quem eu interagi no Astral), já encontrara por duas vezes seu avô falecido no Mundo Extrafísico. Numa dessas oportunidades, seu avô veio acompanhado por três padres, que perguntaram a ele se queria realmente falar com Rosa. O ancião desencarnado respondeu que sim, justificando que, afinal de contas, ela era a sua neta. Depois da experiência, Rosa entendeu que o avô vivia numa cidade espiritual fortemente ligada ao Catolicismo, cujo comando deveria ser rigidamente exercido por sacerdotes desencarnados, ainda com uma mentalidade tipicamente terrena.

Em seguida o Néelson, ainda via telefone, explicou-me que seu genitor, ao final da vida material, realmente havia se tornado uma espécie de “beato”, que ajudava intensivamente a sua paróquia. E tendo desencarnado nesta situação, provavelmente teria ficado sob a tutela de uma egrégora católica. Conversamos um pouco mais, e chegamos à conclusão de que seu pai, depois de alguns anos, agora desejava habitar outra comunidade do Plano Espiritual. Por isso, talvez os padres

estivessem chateados, já que deveriam estar ainda muito vinculados à parte mais ortodoxa do Catolicismo. Além disso, meu amigo Néelson mostrou-se surpreso com todo este acontecimento, porque justamente no dia seguinte àquela minha ligação telefônica, ele havia agendado uma sessão espiritualista especialmente dedicada à Linha das Almas (Umbanda). Achou muito interessante a “coincidência” da notícia que eu lhe dera, na véspera da referida reunião. Assim, decidi que colocaria o nome de seu pai no altar do Centro, para orações específicas na sessão vindoura, com vistas a uma ajuda nas aspirações de seu falecido genitor.

Por fim, chamo a atenção para uma questão. Por quê o pai de Néelson Vilhenna não foi buscar ao próprio filho, quando este estivesse numa viagem astral lúcida, para solicitar-lhe auxílio? Bem, apesar de Néelson projetar-se conscientemente há muitos anos, ele tinha dificuldades na rememoração. Muitas vezes estive com Néelson no Astral, interagindo com ele em diversas atividades, mas após o retorno à matéria, eu retinha boas memórias, enquanto Néelson normalmente lembrava-se apenas de fragmentos dos fatos.

DATA: 07/05/2011

RELATO 31 – AUXÍLIO EM HOSPITAL

Já eram 15 dias de dificuldades bioenergéticas. Acumulavam-se noites mal dormidas e constantemente eu andava com certa dose de irritabilidade. Além disso, outros “sintomas” denunciavam que eu sofria um assédio espiritual considerável. Felizmente na noite de quarta para quinta-feira, eu finalmente conseguira libertar-me da influência negativa, dormindo muito bem. Assim, durante o dia, meu rendimento no trabalho foi bastante positivo e eu voltava para casa satisfeito.

No entanto, ao chegar em minha residência, a irritação ressurgiu sem um motivo claro. Tomei meu banho, jantei, li um pouco e se aproximou a hora de ir descansar. Após uma ida ao banheiro, senti forte “formigamento” na cabeça e na face. Contudo, esta sensação logo passou, mas deixou-me um alerta, já conhecido de longa data, de que havia a presença de algum desencarnado em desequilíbrio. Fiz as minhas orações habituais e deitei-me, mas o “formigamento” retornou. Conformei-me e resolvi dormir, logo pegando no sono.

Depois de um tempo indefinível, eu projetei-me ao encontro da amiga Tetê Souza.

Íamos por um longo caminho curvo, que ladeava uma extensa área plana, em direção a uma grande construção, fincada no centro de um largo gramado. A paisagem não apresentava árvores ou arbustos, mas apenas o amplo tapete verde. A edificação, em nítido destaque no cenário, pertencia a algo parecido com o estilo arquitetônico neoclássico, daqui do ambiente terreno.

Após entrarmos na instituição, ficou evidente que era um hospital. Pareceu-me que já conhecia previamente o local, até porque eu e Tetê Souza nos deslocamos até ali, sem um guia ou condutor aparente. Logo cruzamos um comprido corredor interno e chegamos a um cômodo, onde se encontravam um senhor e uma senhora idosos (ela tinha uma aparência um pouco mais envelhecida). Ambos estavam deitados em camas, separadas por cerca de três metros, sendo típicos leitos hospitalares, plasmados em substância aparentemente metálica.

Acheguei-me ao ancião, que estava agitado. Dizia que precisava de cuidados médicos com urgência. Tentei acalmá-lo, mas sua tensão estava num ritmo crescente, até que entrou numa espécie de crise. Ao mesmo tempo em que ele punha suas mãos nervosamente no peito, passou a ter fortes ânsias de vômito. Continuei tentando tranquilizá-lo através de palavras, quando a senhora do outro leito começou a agitar-se. Após alguns momentos, o idoso acalmou-se um pouco, para, em seguida, voltar a exasperar-se (ele temia morrer). Notei que, conforme ele se desequilibrava, a anciã também tendia a desesperar-se. Tetê Souza acercava-se dela, no intuito de trazer-lhe algum conforto ou ajuda. Havia uma forte ligação entre os dois idosos, que não pude identificar com exatidão qual era. O que ficou evidente, para mim, era que eles já haviam desencarnado, mas desconheciam o fato. Acreditavam que se encontravam num hospital terreno, mas localizavam-se numa instituição espiritual.

O desfecho dessa atividade de assistência não sei qual foi exatamente. O curioso é que após o que foi relatado, não despertei de imediato. Na sequência, passei a ter um sonho com traços de ficção científica. Pela manhã, acordei com a memória da viagem astral e do próprio sonho brevemente comentado. Assim, logo procedi à anotação, de modo a não esquecer a vivência. Talvez o restante da assistência extrafísica tenha sido rememorado de uma maneira distorcida pela minha mente, acarretando na formação do sonho com características de ficção científica. Isto é bem possível ter ocorrido, já que se eu vi no Astral equipamentos estranhos ao ambiente terreno, como minha “mentalidade material” iria interpretar isso? Esta é uma das dificuldades de uma rememoração integral: a falta de correlação direta entre a realidade astral com o que há na Terra.

DATA: 20/05/2011

RELATO 32 – ADOLESCENTES NA CAVERNA

Naquela noite, fui deitar-me após tomar um medicamento antialérgico. Minha garganta ardia e haviam outros sintomas no meu corpo, que denunciavam que o inverno, mais uma vez, me provocava uma crise alérgica. Eu nem pensava em projeção astral, porque o tipo de remédio que eu ingerira, modifica o metabolismo das pessoas, tornando-as mais sonolentas. Isto é contraproducente para uma boa lembrança de experiências extrafísicas. Assim, tencionava apenas dormir e me recuperar.

No entanto como aquele medicamento, em especial, causava uma forte secura na boca, acabei despertando várias vezes à noite para beber água. Numa dessas oportunidades, recordei brevemente uma tarefa assistencial que realizava, juntamente com a amiga Tetê Souza.

Era uma situação interessante em que eu e ela aguardávamos, na entrada de uma caverna obscura, que se expandia para baixo do solo, a chegada de entidades sofredoras, que subiam com dificuldade. Quando alguém conseguia chegar na superfície, logo levávamos a pessoa para um local adequado de amparo. Esta localidade era uma instalação com várias divisórias, que se assemelhava a um misto de hospital e albergue. A construção estava num ambiente ensolarado, com belos jardins e gramados verdes a circundando.

Um momento curioso e marcante desta vivência ocorreu quando eu olhava para dentro da caverna. Apesar da penumbra, pude notar que o terreno declivoso se abria, lá embaixo, num amplo vão, todo forrado por grandes pedras. A uma certa distância, havia um grupo de entidades, todas com idade aparente na fase da adolescência, em estado de penúria. Percebia-se facilmente que estavam exaustos e muito sujos. Eu queria entrar na caverna e descer até o grupo, de modo a ajudar mais alguém a subir, até a saída. No entanto, eu sabia que não podia realizar aquilo, pois, de alguma forma, era fundamental que aqueles seres chegassem até a superfície pelas próprias forças. Assim contive-me, mantendo-me na abertura da caverna.

Infelizmente, não pude recordar mais detalhes da tarefa. Agora, refletindo sobre a experiência, faço uma conjectura. Possivelmente por ter despertado diversas vezes durante a madrugada, devido ao efeito colateral do remédio, que provocara a secura na boca, isto tenha propiciado a lembrança de parte da viagem astral. Se eu tivesse dormido a noite toda, sem interrupções, talvez a experiência ficasse completamente armazenada em nível inconsciente. Desta maneira, se eu estiver certo neste caso, a recordação desta vivência de assistência espiritual, foi um

golpe de sorte da minha parte. Há casos em que projetores se aborrecem por terem sido acordados por relógios, barulhos provocados por vizinhos, ou outros fatores, justamente quando estavam lúcidos no Astral. Mas, por outro lado, estas interrupções podem ter sido úteis, para permitir a lembrança do que se vivenciava no Mundo Extrafísico.

DATA: 29/06/2011

RELATO 33 – REENCONTROS

Naquela noite fui deitar-me bastante cansado, pois, no dia anterior, despertara às 4:00 h da madrugada, não conseguindo mais ter um sono de qualidade. O relógio marcava 22:30 h e perguntei-me se seria possível ter uma viagem astral lúcida com rememoração. Concluí que muito provavelmente não conseguiria, pois precisava repor minhas energias. Este foi meu último pensamento antes de dormir.

Durante o período noturno, despertei duas vezes para beber água e ir ao banheiro. Lembro que tive dois sonhos nesta fase. Já pela manhã, próximo às 6:00 h, acordei com a lembrança de uma experiência extrafísica. Permaneci quieto na cama, pois meu corpo ainda estava meio dolorido. Nesses minutos em que ficamos na dúvida se devemos levantar ou não, as memórias fluíram mais uma vez pela minha mente. Creio que consegui recordar os fatos, pois eles envolviam emoções relativamente intensas.

Então, levantei-me para tomar um comprimido. Retornando ao quarto, olhei para o despertador e decidi que não me deitaria novamente. Iria mais cedo para o trabalho, de modo que eu pudesse voltar menos tarde para casa. Peguei o controle remoto da televisão e apontei para o aparelho, na intenção de ligá-lo. No entanto, parei com o braço esticado. Lembrei-me mais uma vez da viagem astral, que possivelmente esqueceria, em boa parte, se focasse minha atenção no jornal da TV. Finalmente percebi que deveria registrar logo a experiência, que fora digna de nota, pois alguns detalhes já estavam indo para os “porões do inconsciente”. Assim, peguei um papel e passei às anotações.

Eu estava num local, onde estava acontecendo um evento de reencontro. Vários indivíduos já estavam no lugar, quando cheguei, e outros foram surgindo paulatinamente. As pessoas, assim que chegavam, logo se reconheciam, se abraçavam e trocavam impressões sobre o

passado. Na minha mente, aquilo seria algo parecido com uma espécie de encontro de antigos colegas da faculdade ou do colégio. Contudo, não era exatamente isso, pois as fisionomias que eu reconhecia, a cada momento, em nada se correlacionavam com meus amigos da época estudantil. No entanto, eu conhecia aquelas consciências e estava muito feliz em revê-las. Apenas não sabia exatamente de onde, nem de quando, os conhecia. Creio que eram pessoas com quem convivi em vidas passadas e/ou seres com quem me relacionei no Mundo Astral. Entendo que alguns estavam encarnados no momento, estando ali, projetados como eu. Outros, possivelmente, eram desencarnados.

Recordo claramente que, no início, aproximei-me de dois homens altos (um com a pele muito branca, e o outro, moreno), aparentando terem meia idade. Senti uma afinidade natural por eles e, ao mirar os olhos do que tinha a pele mais morena, emocionei-me. Era um velho amigo! Mas, de onde e de quando? Bem, não importava muito, pois ele também me reconhecia. Logo nos abraçamos e trocamos algumas palavras, que minha memória não armazenou. Abracei também o homem mais claro, que era uma consciência amiga, semelhante ao outro. Em seguida, comuniquei algo aos dois, explicando a minha satisfação em revê-los, mas rapidamente parei. Minha voz estava embargada pela emoção. Eles entenderam e, na sequência, nos separamos. Havia outras pessoas para encontrarmos.

Lembro que acenei para alguns seres que foram chegando, pois de alguma forma reconhecia seus rostos, mas, de onde? Era uma situação um tanto constrangedora, porque eu estava projetado com uma forte preponderância da minha personalidade terrena (minha encarnação atual), e aqueles espíritos não pertenciam ao meu círculo de amizades contemporâneas. A exceção foi o encontro de uma amiga que cursou o ginásio, que não vejo há vários anos, com a qual troquei algumas palavras. Neste caso, até questiono se era realmente a Carla, pois isto pode ter sido uma distorção na minha lembrança, já que todos os demais, não faziam parte da minha lista de conhecidos da vida atual.

Um outro reencontro, bastante curioso, foi com uma consciência a qual não pude identificar se estava na polaridade feminina ou masculina. Sua fisionomia era andrógina e emanava uma vibração de serenidade. A idade aparente constituía cerca de 20 anos. A delicadeza e a sobriedade de seus gestos eram evidentes. Após aproximar-se de mim, beijou-me a face. Fiquei confuso mais uma vez, pois eu simplesmente conhecia aquela pessoa, mas não tinha a referência de tempo e de espaço. Após permanecer parado por alguns instantes, depois do beijo, retribuí a atitude, beijando-lhe uma das faces, cuja pele era muito clara e sem manchas. Nada falei com esse ser, pois não consegui discernir o nosso grau de amizade no passado. Então, sorri para a serena consciência,

seguinte adiante para tentar reconhecer mais alguém.

Na sequência, adentraram no amplo salão, duas mulheres com aparência ainda jovem (uma morena e a outra com traços europeus). Ao me verem, sorriram com visível alegria. Eu lembrei delas rapidamente e nos cumprimentamos efusivamente. Seus rostos, que pude divisar com detalhes, no entanto não constam nos registros de memória de minha vida atual. A mulher morena falou-me, de pronto, de uma festa em que eu estive e onde comemos determinado tipo de iguaria (não sei agora o que é). Eu recordei facilmente da referida festa, mas este evento não pertence a minha encarnação dos dias de hoje.

Em seguida, outras pessoas passaram por mim, chamando-me pelo meu nome atual. Ou seja, embora aqueles indivíduos não pertençam ao meu círculo terreno de amigos, me identificavam através da minha vida física contemporânea. A um desses, respondi, chamando-o de “André”. Contudo, não sei de onde o conheço.

Bem, em síntese, posso destacar que as emoções desta experiência extrafísica foram muito agradáveis, embora fossem acompanhadas por alguma confusão de minha parte. Isto era devido a uma certa mistura entre a minha personalidade terrena e a minha “mente espiritual”. Houve algum choque entre esses dois níveis de consciência, mas despertei feliz com os reencontros.

DATA: 13/09/2011

RELATO 34 – DO ONIRISMO À LUCIDEZ

Acabara de despertar e fui até a cozinha tomar um remédio, já que estava com um pouco de azia. Olhei o relógio e este marcava 6:00 h da manhã. Logo voltei para a cama, pois considerei cedo para ir ao trabalho. Deitei-me de barriga para cima e rapidamente peguei no sono.

Comecei a sonhar e, nos devaneios oníricos, realizei diversas “atividades” meio desconexas. Numa delas, eu caminhava numa feira onde vários comerciantes vendiam galos, em sequência. Parecia que em determinado lugar se abatiam esses animais e resolvi afastar-me dali, chegando numa estrada. Neste caminho, aproximavam-se de mim uma mulher e sua filha pequena, esta aparentando cerca de cinco anos de idade. Notei, com interesse, que eu andava quase deslizando. Assim, percebi que não precisava tocar com os pés no “solo”. Então, passei de fato a flutuar, quando a mulher e a criança passaram por mim. A menina apontou-me e comentou algo

com a mãe. Eu trazia, numa das mãos, um banquinho. Ou seja, estava dentro de um processo onírico. Contudo a sensação de flutuação, que já era agradável, cresceu de súbito. Elevei-me em alta velocidade, chegando a algo em torno de 800 metros de altitude. Ao mesmo tempo, alcancei intensa lucidez.

Admirei o belíssimo céu azul, que apresentava esparsas nuvens brancas espalhadas, à semelhança de flocos de algodão. Percebi o mundo abaixo de meus pés brevemente, mas logo voltei o foco para a paisagem do céu. A visão magnetizava-me, ao mesmo tempo em que a sensação de liberdade e plenitude eram muito agradáveis. Em pouco tempo atingi um estado de quase euforia. Devido a isto, de pronto voltei ao corpo físico, mas não reacoplei-me corretamente. O “tórax astral” estava encaixado no veículo material, mas minha cabeça descoincidia. Pude enxergar um clarão a minha direita, que não compreendi o que era de imediato. No entanto, logo entendi que era a luz que entrava através das cortinas, refletindo-se na porta de meu armário. A visão não estava clara, mas, por um esforço mental, ela melhorou. Então, vi que as minhas “pernas astrais” estavam fora do corpo, flutuando na minha frente. Isto explicava o porquê eu sentia, ainda, uma sensação de flutuação da cintura para baixo. Logo a seguir, houve reacoplamento total.

Fiquei na cama, rememorando passo a passo a experiência. Quando resolvi levantar-me, fui até a janela. Puxei uma das cortinas e olhei para o céu. De fato ele estava um tanto salpicado por nuvens brancas, conforme o que eu vira minutos antes, fora do corpo. Mirei o relógio e eram 6:40 h da manhã. Passei a registrar tudo em papel.

DATA: 26/01/2012

RELATO 35 – CONVERSA COM PROJETOR INEXPERIENTE

Estava no Mundo Astral, conversando com a diretora de minha empresa e mais um colega de trabalho. Parecia que eu receberia uma nova incumbência na instituição. O lugar assemelhava-se a um restaurante, e, após o diálogo, fui para o espaço público. Aquela situação era possivelmente um momento de baixa lucidez de minha parte, ou uma distorção na rememoração do que poderia ter acontecido de fato.

Uma vez ao ar livre, notei que muitas pessoas transitavam de um lado para o outro. Senti o ar movimentar-se na forma de uma brisa agradável. Espalmei as mãos para baixo, na altura

da cintura, pois inspirei-me a acompanhar o leve vento ascendente, deslocando-me para cima com grande leveza. Subi com alegria e adquiri maior lucidez. O voo foi muito prazeroso e logo estava num outro local, que era uma área plana no topo de larga montanha. Ali haviam várias pessoas, na maioria jovens.

Desci perto de dois rapazes, que me olharam com interrogação nos olhos. Captei seus pensamentos, que, em resumo, inquiriam: “Mas, por quê está voando?” Não me importei, afastando-me deles. Apenas pensei em como dava prazer voar. Passei a caminhar e aproximei-me de um rapaz, que fixou sua atenção sobre mim. Ele tinha um ligeiro sorriso na face e veio até a minha pessoa. Disse-me que, na Terra, participava de um grupo de discussões sobre viagem astral, através da Internet. Interrompi a sua fala, dizendo-lhe: “Mas, você não recorda nada, não é?” Então, ele balançou a cabeça afirmativamente. Assim, perguntei-lhe se queria lembrar-se de algo. Rapidamente ele concordou. Desta maneira, disse para ele vir comigo. O jovem me acompanhou até certo ponto, e eu pus minha mão direita na base do seu crânio, bem como a minha mão esquerda em seu peito. Fui conduzindo-o, deste jeito, na rota de um mirante, na direção de um precipício. Minha intenção era induzi-lo a voar comigo, de modo que se assustasse e retornasse abruptamente ao próprio corpo (assim possivelmente poderia recordar a experiência). Seu rosto demonstrou medo com a minha manobra, e percebi seu coração acelerar no “tórax astral”, onde estava minha mão esquerda. Ele freou após quatro ou cinco passos comigo. Argumentou que não queria retornar ao corpo.

Então, falei-lhe: “A vida é assim, morremos no físico ao dormirmos, e morremos no Plano Espiritual ao acordarmos.” Em seguida complementei o raciocínio, dizendo que, na realidade, a morte não existe. Após isso, sua expressão facial denunciou grande alegria. Parecia que lhe havia feito uma grande revelação. Confesso que fiquei um pouco surpreso com a sua reação, pois o que eu havia dito, era um tanto óbvio na minha concepção. No entanto esta colocação, para ele, deveria ser algo muito importante, talvez trazendo um sentido antes não vislumbrado ou não corretamente assimilado. Em verdade, não sei porque a nossa conversa havia tomado aquele rumo. Senti que estava inspirado por alguma outra inteligência, que sabia melhor das necessidades do jovem.

Na sequência, despertei serenamente no veículo material, podendo rememorar tudo com facilidade, inclusive o rosto do rapaz, que possuía uma barba rala, típica dos adolescentes. Levantei para anotar tudo e eram 4:30 h da madrugada.

DATA: 11/06/2012

PARTE 3
CONCLUSÃO

UM ESTUDO EMPÍRICO

O objetivo principal deste capítulo é fornecer uma noção de como alguns fatores pessoais podem interferir, de forma decisiva, na incidência de projeções astrais conscientes. Para isso, construí tabelas que resumem a ocorrência de viagens astrais conscientes na minha vida, até o final do ano de 2012. Parte dos dados que constam nessas tabelas foram retirados dos meus livros anteriores sobre viagem astral (“Experiências Extrafísicas” e “Experiências Extrafísicas II”), de maneira a compor um quadro mais completo.

Na Tabela 1, faço uma abordagem mais cronológica das experiências que tive. Como nasci no ano de 1968, pode-se notar que, até 1980 (fase da infância), aconteceu apenas uma projeção consciente com rememoração. Durante a década de 80, já no seu final, tive outra experiência lúcida fora do corpo, quando eu estava no curso de graduação universitário. Somente a partir de 1992, é que pude fazer viagens astrais durante todos os anos sem exceção. Eu estava começando a me acostumar com o fenômeno, embora até 1997 ele ocorresse sem a participação da minha vontade, ou seja, era totalmente espontâneo. Então, do final de 1998 até o fim de 1999, posso destacar que houve uma grande incidência de experiências extracorpóreas conscientes, em decorrência de eu me utilizar de técnicas de indução de viagens astrais. O ano de 1999 foi abundante nessas projeções (total de 17), pois além de ser a época que pratiquei com mais intensidade as técnicas para sair do corpo, assumi várias atitudes no meu cotidiano (leitura constante sobre o assunto; alimentação leve antes de dormir; prevenção de cansaços físico e mental antes de tentar a projeção; etc.), que favoreciam a manifestação do fenômeno. Já no ano de 2000, houve uma queda drástica na incidência de viagens astrais (apenas três), porque tive uma série de problemas pessoais, que ocasionaram estresse e desgaste físico. Estes fatores são prejudiciais tanto para a realização de projeções conscientes em si, como reduzem a capacidade de rememoração das experiências lúcidas que temos no Astral. Em 2001, só obtive cinco experiências extrafísicas, refletindo ainda meu estado depauperado do ano anterior, que se tornara meio crônico. Em 2002, embora ainda tivesse problemas orgânicos, já havia uma reserva bioenergética, que propiciou 16 projeções conscientes. Em 2003 consegui 22 viagens astrais, o melhor ano em termos quantitativos de experiências extrafísicas, pois já estava em franco processo de recuperação de saúde. A partir de 2004 até 2012, praticamente deixei de realizar exercícios projetivos, pois já havia conseguido experiências bastante enriquecedoras no Astral. Pensei que, a partir daquele momento de minha vida, deixaria o fenômeno ocorrer de forma mais espontânea, pois a projeção da consciência (com rememoração) não era uma finalidade em si, mas fundamentalmente uma ferramenta de

aprendizado. Então, no período de 2004 a 2012 registrei 35 projeções, que consiste numa média de quase quatro experiências por ano. O melhor ano desta fase foi 2011, com oito viagens astrais, todas tendo acontecido sem os exercícios bioenergéticos. Desde o meu nascimento até 2012, pude acumular 112 projeções lúcidas rememoradas.

Tabela 1 - Ocorrência de viagens astrais conscientes até o ano de 2012.

Até 1980	1
Década de 80	1
1992	1
1993	5
1994	2
1995	1
1996	1
1997	1
1998	1
1999	17
2000	3
2001	5
2002	16
2003	22
2004	6
2005	3
2006	5
2007	2
2008	2
2009	3
2010	4
2011	8
2012	2

Quanto à Tabela 2, ela exprime a ocorrência de viagens astrais não pela ótica principal da cronologia, mas sim mais em função de circunstâncias específicas de minha vida. É possível compreender que, com o desenvolvimento mediúnico (em 1993), favoreceu-se a incidência de projeções astrais conscientes, já que antes disso (até 1992) só realizei três experiências extrafísicas de qualidade.

Ainda analisando-se a Tabela 2, pode-se identificar o que chamei de “Fase exclusiva mediúnica” (1993 até meados de 1998), quando ocorreram 10 viagens conscientes, sem o uso de técnicas indutivas de viagem astral (até porque eu desconhecia que existia esta via). Assim, volto a dizer que a dedicação à Espiritualidade pela via mediúnica facilitou, para mim, a ocorrência do

fenômeno das experiências fora do corpo.

Contudo, um resultado bem interessante assinalado na Tabela 2, é que o período “Uso intensivo de técnicas de indução” aponta a ocorrência de 18 viagens astrais. Ou seja, depois que passei a praticar intensivamente técnicas para me projetar conscientemente, obtive 18 experiências lúcidas em pouco mais de um ano, o que consistiu em cerca de 58% de tudo o que eu havia conseguido ao longo da minha vida, até o final do ano de 1999.

No chamado “Período da fragilidade” (Tabela 2), que se deu de 2000 a 2001, houve correspondência com uma série de problemas de ordem pessoal, que ocasionaram estresse, desgaste físico e distúrbios na saúde (gastrite, insônia e labirintite). Dentre os problemas pessoais originadores do desequilíbrio, posso citar que estava na fase conclusiva da minha tese de doutorado, somando-se a um excesso de atividades em minha empresa, bem como não abri mão de ainda realizar práticas espiritualistas intensas, no centro que frequentava à época. Desta forma, o “Período da fragilidade” só me permitiu a realização de oito projeções astrais, num intervalo de dois anos. Próximo ao final deste período (segundo semestre de 2001), tive que me afastar do centro espiritualista, onde eu labutava há quase oito anos (desde de 1993).

Então, cheguei ao que denominei “Período de recuperação” (Tabela 2), que transcorreu de 2002 a 2003. Nesta fase, eu me dedicava apenas ao meu trabalho material e ao restabelecimento da minha saúde. Assim, mesmo realizando poucas práticas bioenergéticas projetivas, obtive 38 experiências extrafísicas de qualidade. Somente em 20% dessas experiências realizei, antes, alguma técnica de indução de viagem astral. As demais (80%) ocorreram sem aplicação de técnica alguma. É evidente que as narrativas dos relatos revelam que há, no meu caso particular, uma grande interferência (direta ou indireta) do meu vínculo ao assistencialismo espiritualista. Em outras palavras, provavelmente, muitas das minhas projeções astrais foram “patrocinadas” por amparadores da egrégora espiritual a qual estou associado. Creio que se eu tivesse mantido a disciplina nos exercícios bioenergéticos projetivos, neste “Período de recuperação”, poderia ter conseguido uma maior incidência de viagens astrais conscientes.

Bem, ao final do “Período de recuperação”, mais exatamente em 25 de outubro de 2003, fundei com alguns amigos o Grupo Espiritualista Francisco de Assis (que funcionou até 2010). Tornei às atividades práticas mediúnicas, quase totalmente refeito dos problemas orgânicos que tivera. Também ao final de 2003, assumi um cargo de chefia em minha empresa. Então, entre 2004 e 2012, que denominei “Período de foco terreno”, sobretudo pelas preocupações mais intensas no meu trabalho material, somadas a outras questões de ordem prática, ocorreram 35 experiências extrafísicas. Considerando que este período teve nove anos, houve uma média de pouco menos de

quatro viagens lúcidas por ano. Foi uma média baixa, que também pode ser explicada pela quase ausência de exercícios projetivos de minha parte, durante esta fase. O que ficou evidente, ao se ler com atenção os relatos deste livro, é que boa parte das projeções tiveram uma motivação de assistência a outras pessoas (encarnadas e desencarnadas), ou seja, provavelmente houve uma ajuda intensiva dos amparadores para a ocorrência do fenômeno.

Ao final desse estudo empírico, sinto-me à vontade para apontar que a associação de uma regularidade de práticas projetivas com a dedicação à Espiritualidade, podem promover a ocorrência de experiências fora do corpo bastante enriquecedoras. No entanto, é claro que não há fórmulas “mágicas” e “certeiras” para se ter consciência no Astral, rememorando-se as atividades extrafísicas, já que isto depende de uma série de fatores intrínsecos ao indivíduo, bem como do meio em que ele vive. Contudo, entendo que combinando-se as duas práticas citadas, aumenta-se a probabilidade de realizar projeções lúcidas da consciência, com rememoração.

Tabela 2 - Ocorrência de viagens astrais conscientes conforme a circunstância.

<u>Antes do desenvolvimento mediúnico</u> (até 1992)	3
<u>Fase exclusiva mediúnica</u> (1993 até meados de 1998)	10
<u>Uso intensivo de técnicas de indução</u> (final de 1998 até 1999)	18
<u>Período da fragilidade</u> (2000 a 2001)	8
<u>Período de recuperação</u> (2002 a 2003)	38
<u>Período de foco terreno</u> (2004 a 2012)	35

PALAVRAS FINAIS

Caros amigos leitores, espero que este livro tenha sido útil de alguma forma. Gostaria, porém, de deixar registrado que este trabalho de divulgação da projeção astral não acaba aqui. Pretendo dar continuidade a esta tarefa através de uma nova obra, onde relatarei outras experiências extracorpóreas, que venho tendo a partir de 2013. Estas vivências estão sendo devidamente armazenadas e, dentre elas, algumas apresentam uma qualidade expressiva em termos de aprendizado pessoal. No entanto, creio firmemente que não devemos esconder experiências de expansão consciencial. É preciso compartilhar, para despertar no próximo o desejo de alargar os próprios horizontes, já que, no fundo, ninguém cresce sozinho. Somos todos interdependentes. Assim, em futuro que desejo ser próximo, lançarei o livro “Experiências Extrafísicas IV”. Despeço-me agora, deixando uma bela imagem da natureza (foto de uso livre dos arquivos do site <http://www.pixabay.com/> – acesso em 18/09/2013) e um abraço sincero a todos.

Pablo de Salamanca

